



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ODIRLEY DA SILVA RODRIGUES

**O PECADO ORIGINAL:
E OS PRESSUPOSTOS DA TEOLOGIA REFORMADA**

BELÉM – PARÁ
2010



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ODIRLEY DA SILVA RODRIGUES

**O PECADO ORIGINAL:
E OS PRESSUPOSTOS DA TEOLOGIA REFORMADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito final para a obtenção de grau de Bacharel em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista
Equatorial / orientado pelo Prof. José Carlos de Lima
Costa

BELÉM- PARÁ
2010

RODRIGUES, Odirley da Silva

O PECADO ORIGINAL: *E os pressupostos da teologia reformada*. Belém: 2010. 63p.

I PECADO ORIGINAL

2 – Teologia Reformada. Pecado II título

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL

CDD. 241.3

NOMINATA

MANTENEDOR DA FATEBE

Seminário Teológico Batista Equatorial – STBE

Diretor Geral

Dr. D. B. Riker, Ph.D.

A FATEBE

Diretor Geral

Dr. D. B. Riker, Ph.D.

Diretor Acadêmico

Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Diretor Administrativo-Financeiro

Pr. Ronaldo Fermiano de Souza

Secretária e Gestora Acadêmica

Esp. Gabriela Nunes Campos

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação / Coordenador de TCC

Prof. Dr. Douglas Rodrigues da Conceição

Coordenador Acadêmico de Teologia

Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

**O PECADO ORIGINAL:
E OS PRESSUPOSTOS DA TEOLOGIA REFORMADA**

ODIRLEY DA SILVA RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final para obtenção de grau de Bacharelado em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista
Equatorial/ orientado pelo Prof. José Carlos de Lima Costa

Banca Examinadora:

1. _____
José Carlos de L. Costa - Prof. Orientador
2. _____
Benildo Veloso – Prof. Avaliador
3. _____
Josué da Silva de Lima – Prof. Avaliador

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

DEDICATÓRIAS

Ao Deus Soberano e gracioso, pois a Ele a honra,
toda glória e louvor.

Aos meus pais, Luis Jorge Rodrigues e Elizabeth
Rodrigues, que sempre acreditaram e sustentaram
meu sucesso com amor e carinho.

Para Joquebede Rodrigues, minha companheira e esposa amada, e meu filho bendito Arthur Rodrigues, pois foram minhas inspirações e meus principais incentivadores para os estudos e aceitaram pacientemente minha ausência todos os dias de estudos.

AGRADECIMENTOS

Aos parceiros, irmãos e amigos de sala, pelo companheirismo em cada trabalho e atividade de sala de aula. Um ano de estudos juntos, valeu por quatro anos;

Aos professores Ezilene Ribeiro, Pr. Antônio Carlos e Fabrício Araújo que compartilharam o conhecimento e a amizade;

Aos professores Rev. Benildo Veloso e Josué da Silva de Lima, pela participação na minha banca examinadora.

Ao professor José Carlos, pela orientação neste trabalho e pela paciência na correção e nas sugestões do TCC. Bem como, pela piedade e amor as Escrituras como Palavra de Deus;

Ao coordenador acadêmico e professor Dr. Manoel Moraes, pela humildade e atenção em todos os momentos em que foi solicitado. E ainda, pela seriedade com que conduz a coordenação;

Ao prof. Dr. Douglas da Conceição, professor e coordenador de TCC, pela forma brilhante e inteligente que conduz a coordenação.

Ao magnífico reitor Dr. D. B. Riker, diretor geral desta casa, pela luta da piedade e confessionalidade da Faculdade.

A minha amada Igreja Batista Jardim Nova Esperança, pela compreensão e paciência durante o período de um ano de ausência em alguns momentos;

Se pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundancia da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Apóstolo Paulo

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso objetiva analisar o tema pecado original, tendo como base a concepção reformada da queda de Adão. A proposta é fazer uma apresentação histórica do pecado original dentro do pensamento dos grandes nomes da teologia. Os principais vultos que serão observados compreendem o período dos pais da igreja até a pós-modernidade. No entanto, ao analisar tais argumentações se observará desdobramentos consideráveis da doutrina. A pesquisa se ancora buscando compreender o pensamento reformado do pecado adâmico na humanidade. Neste sentido, o trabalho desenhará o rumo da doutrina bíblica do pecado, objetivando compreender desde a gênese, a essência, o desenvolvimento até as consequências do pecado original no homem. Finalmente, o pecado original será analisado dentro da contemporaneidade, observando a crescente descaracterização desta doutrina, a relação com as doutrinas basilares da fé cristã, bem como a realidade humana em face ao pecado. O alvo da presente análise é demonstrar que todos os homens pecaram em Adão. Toda a raça humana se tornou totalmente depravada por causa do seu representante legal: Adão, o qual se rebelou contra toda ordem de Deus.

Palavras-chaves: Pecado original, teologia reformada, imputação, raça humana, contemporaneidade.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	1-10
1 INTRODUÇÃO	11
2 DOCTRINA DO PECADO ORIGINAL NA HISTÓRIA	13
2.1 PATRÍSTICA	14
2.1.1 O que os pais da igreja afirmaram?	14
2.1.2 A contribuição da polêmica de Pelágio e Agostinho	16
2.2 IDADE MÉDIA	18
2.3 REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO XVI	19
2.4 MODERNIDADE NAS VOZES DO LIBERALISMO E ILUMINISMO	22
2.5 PÓS-MODERNIDADE NAS VOZES DA NEO-ORTODOXIA E DO EXISTENCIALISMO	23
3 DOCTRINA REFORMADA DO PECADO ORIGINAL	26
3.1 A ORIGEM DO PECADO	27
3.2 A NATUREZA DO PECADO	31
3.2.1 O mal moral	32
3.2.2 O coração como sede do pecado	33
3.2.3 Relação com a lei de Deus	34
3.3 A IMPUTAÇÃO - TRANSMISSÃO DO PECADO	35
3.3.1 A universalidade do pecado	37
3.3.2 A relação de Adão com a raça	38
3.4 OS RESULTADOS DO PECADO	40
3.4.1 Corrupção e sofrimentos	41
3.4.2 Depravação moral	41
3.4.3 Morte eterna	42
4 DOCTRINA DO PECADO ORIGINAL NA CONTEMPORANEIDADE	44
4.1 A (DES)CARACTERIZAÇÃO DO SIGNIFICADO DO PECADO	45
4.2 A RELAÇÃO DO PECADO ORIGINAL COM AS DOCTRINAS ELEMENTARES DA FÉ CRISTÃ	49
4.2.1 A regeneração e o pecado original	49
4.2.2 A conversão e o pecado original	51
4.2.3 O arrependimento e o pecado original	52
4.2.4 A justificação e o pecado original	53
4.2.5 A santificação e o pecado original	55
4.3 A MALIGNIDADE DO PECADO	56
5 CONCLUSÃO	59
6 REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Diálogos sobre pecado nos dias atuais é quase impossível, e falar de pecado original seria tarefa mais complicada ainda, no sentido de se chegar a uma unanimidade sobre o assunto, pois o subjetivismo e o relativismo, com formas variadas, vêm trazendo certa repercussão para a atualidade. Porém, o presente trabalho parte do pressuposto de que a teologia reformada¹ oferece a resposta, com coerência, acerca do real estado humano com relação ao pecado.

Por isso, é necessário verificar a importância da doutrina do pecado original e as doutrinas relacionadas a ela, bem como observar a história da doutrina do pecado original e das vozes do passado e do presente e, por fim, enfatizar a contribuição reformada do pecado original para o mundo, em que se tornou um marco diante das perspectivas teológicas da história.

Este trabalho tem por finalidade investigar a doutrina histórica do pecado original à luz da teologia dos reformadores e sua relevância para a teologia contemporânea. Historicamente, investigará a palavra dos teólogos do período da patrística até o século XXI. Teologicamente, analisará o problema do pecado original e dos tratados clássicos e confissões sobre o assunto proposto.

Na primeira parte desta monografia, considerar-se-á a história da doutrina do pecado original nas vozes dos seus principais teólogos. Dentro da era dos pais da igreja, principalmente na concepção de Orígenes e Tertuliano se vê o pecado como pré-existente e como teoria realista. No oriente a doutrina ganhou demasiado destaque na polêmica entre Pelágio e Agostinho. Na idade Média destaca-se o posicionamento de Anselmo de Canterbury e da igreja católica. No período da reforma protestante destacam-se os arminianos votando contra o pecado original, mas também se destaca Lutero, Calvino e o posicionamento do

¹ Entende-se por teologia reforma, por todo o pensamento que gira em torno da doutrina calvinista.

Sínodo de Dort², trazendo uma concepção genuinamente reformada do pecado adâmico. Na modernidade, o destaque fica por conta dos liberais, que influenciaram negativamente, com suas convicções humanistas para a doutrina, negando sua realidade. Na pós-modernidade, principalmente nos escritos de Karl Barth, o Éden, Adão e o pecado original foram concebidos como eventos mitológicos.

Na segunda parte, será apresentada a doutrina reformada do pecado original. De maneira minuciosa, a pesquisa analisará: a ênfase da doutrina reformada com verificação da origem do assunto na idéia bíblica, explanando a natureza e a transmissão ou imputação do pecado de Adão em relação a humanidade, e a universalidade, bem como observar as terríveis consequências do pecado na vida do homem pecador.

No capítulo final, a doutrina bíblica do pecado original será analisada dentro da contemporaneidade, observando a alarmante descaracterização do pecado original, a relação com as doutrinas básicas para a fé cristã e como elas podem perder sentido, sem uma compreensão bíblica do pecado, bem como apresentar a realidade humana em pecado.

Os valores cristãos de hoje refletem a doutrina e o pensamento deficiente, como se vê na contemporaneidade. Verificando tal deficiência referente ao pecado, particularmente quanto ao pecado original, pretende-se observar, então, a importância histórica da doutrina para a teologia contemporânea, à luz do pensamento reformado. Por isso, é importante retornar aos ensinamentos da reforma, pois conscientizará pensadores cristãos sobre o que o pecado realmente significa, bem como os resultados que causou ao homem.

Também é objetivo desta pesquisa reafirmar que a humanidade é pecadora em Adão, não somente pelos pecados atuais, mas porque recebeu em sua natureza uma condição pecadora pela queda de Adão. Por isso, toda a raça humana se tornou totalmente depravada por causa do seu representante legal: Adão, o qual imputou à posteridade a sua mesma condição perdida diante de Deus.

² Concílio realizado na Cidade de holandesa de Dort ou Dordrecht nos anos de 1618-19. Teólogos reformados com o propósito de debater as idéias semipelagianas dos seguidores de Armínio, os arminianos.

2. DOUTRINA DO PECADO ORIGINAL NA HISTÓRIA

O problema do mal é considerado um dos mais profundos da filosofia e da teologia – problema se mostra naturalmente à mente humana, como sendo uma realidade forte e universal. Os filósofos foram constrangidos a encarar o problema do mal e a procurar resposta quanto a sua origem. Quanto ao pecado, seguindo a mesma linha de pensamento, julgaram ser uma questão ainda a se explicar. Com relação ao pecado original³ poucos ousaram discutir e problematizar o assunto, por questões de desinteresse e irrelevância.

Logo após o primeiro século da era cristã, surge o interesse de investigação com certa profundidade nos pais da igreja acerca do problema do pecado original. Através da contribuição de Pelágio e Agostinho de Hipona, a doutrina do pecado original passou a ter lugar na história. Na idade média, Gregório, Anselmo e outros seguiram o ponto de vista de Agostinho. A igreja católica, por sua vez, seguiu as idéias de Pelágio.

A reforma, através de Calvino, sistematizou a teologia bíblica do pecado original, a qual tornou-se referência para a atualidade. Os socinianos, porém, contrariaram a doutrina da reforma, sob a influência de pelágio, que fez com que os arminianos suavizassem a doutrina do pecado original, negando a sua imputação aos descendentes.

As teorias modernas do pecado original surgiram com: Leibnitz, Lessing, Fichte, Schleiermacher e Kant, os quais se apoiaram na perspectiva pelagiana. No início do século, Kierkegaard, Karl Barth, Emil Brunner e outros, todos na linha liberal da teologia da crise, formularam suas idéias na linha pelágio-arminiana, com a inovação da “solidariedade da raça”⁴ humana no pecado.

³ Os textos bíblicos deste trabalho seguem o padrão da edição de Almeida Revista e Atualizada (ARA).

⁴ O termo solidariedade da raça, inicialmente, tem uma relação com a idéia do conceito hebraico de solidariedade da família. Mais tarde, o termo foi aperfeiçoado com a relação com a visão seminal, que é a mesma visão realista da relação com Adão no Éden. Atualmente o termo tem sido desenvolvido por Russel Shedd em seu livro Solidariedade da raça: O homem em Adão e em Cristo.

2.1 PATRISTICA

2.1.1 O que os pais da igreja afirmaram?

Os pais da igreja foram decisivos na postulação de doutrinas tais como salvação, graça e pecado. Eles foram os primeiros a discutir a natureza, a transmissão e os resultados do pecado original, contribuindo consideravelmente para uma formulação posterior mais completa da doutrina.

Agostinho foi o primeiro a elucidar, com clareza e precisão, o caráter de culpa inerente ao pecado de Adão, transmitido a todos os homens. Agostinho comprova o pecado original principalmente por Romanos 5.12 [...] O pecado original se transmite de geração em geração pela concupiscência da carne, visto que os filhos são gerados pela ação da concupiscência dos pais⁵

Os pais gregos de certa forma apresentavam uma tendência em reduzir a relação do pecado de Adão com o pecado da raça. Defendiam um dualismo que, mais tarde, influenciou a doutrina pelagiana do pecado. Não negaram a solidariedade da raça, admitindo certa relação de Adão com a humanidade. Reforçaram a idéia do pecado, que se origina no livre-arbítrio do homem. Estes pais da igreja isentaram as crianças da culpa de Adão, mas não da corrupção física.

Deve-se notar que houve alguns desvios desse ponto de vista geral. Orígenes, embora admitindo que certa poluição hereditária se apegava a cada um desde o nascimento, pensava residir a explicação disso na queda pré-natal ou pré-temporal da alma.

Orígenes (185-254 d.C), teólogo de Alexandria, procurou manter isso com a sua teoria do preexistencialismo. Segundo ele, as almas dos homens pecaram voluntariamente numa existência anterior e, portanto, entraram no mundo numa condição pecaminosa⁶.

Outros como, Gregório de Nissa⁷, do quarto século, chegaram ainda perto de ensinar essa doutrina. Atanásio, o pai da igreja que relacionou os livros da Bíblia no cânon

⁵ ALTANER, Berthold: STUIBER, Alfred. **Patrologia: Vida, obras e doutrinas dos padres da igreja**. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 436.

⁶ BERKHOF, Louis **Teologia sistemática**. Tr. Odayr Olivetti. Campinas: LPC; 1990, p. 220.

⁷ ALTANER, Berthold: STUIBER, Alfred. Op. Cit., p. 305.

com os livros que se tem hoje, e Crisóstomo, expositor e escritor de Antioquia, evitaram falar sobre o assunto.

Já no Ocidente, os pais da igreja surgem gradualmente com outra posição. O Escritor e Apologista de Catargo Tertuliano (160-230 d.C), com seu traducionismo⁸, direcionou-se para a idéia do pecado inato. Ele afirmava ser o pecado original consequência do pecado de Adão, ou seja, o veneno da concupiscência contaminou a natureza humana, o pecado da natureza humana original continua sendo pecado.

Tertuliano tinha uma concepção realista da humanidade. Segundo ele, toda a raça humana estava potencial e numericamente em Adão e, portanto, pecou quando ele pecou, e se tornou corrupta quando ele se tornou corrupto. A natureza humana completa pecou em Adão e, daí, toda individualização dessa natureza também é pecaminosa⁹.

Outro pai da Igreja, chamado Cipriano, polemista anti-novaciano de Catargo, destacou o pecado original mais na esfera da culpa. No entanto, salientou a culpa dos pecados atuais ou individuais mais do que a culpa do pecado original. Ambrosio e Hilário citaram o pecado original, apenas como algo suficiente, que, pode levar o ser humano para a condenação eterna¹⁰.

Portanto, no pensamento do Ocidente, todos os pais ensinam com clareza que todos os homens pecaram em Adão, pelo que nascem em pecado. Ao mesmo tempo, não parecem postular a total corrupção da vontade humana, porque defendiam a teoria sinérgica¹¹ da regeneração.

⁸ O Traducionismo sustenta que a alma e o corpo da criança são herdados dos pais somente no momento da concepção. Depois de Tertuliano, outros como Martinho Lutero, Jonathan Edwards e A. H Strong defenderam esta idéia, que fez frente contra ao Criacionismo.

⁹ BERKHOF, Op. Cit., p. 243.

¹⁰ Ibid., p. 246.

¹¹ Sinergia deriva do termo grego *synergia* (*syn –ergon*) que significa literalmente “cooperação” e “trabalho”. Os pelagianos e os arminianos atribuem a conversão no homem como uma parceria com Deus, ou seja, o homem coopera ativamente com Deus para a salvação. Diferente da idéia calvinista sobre a salvação, onde o homem não pode cooperar com sua Salvação, por causa do seu estado em pecado. Deus é o único Agente ativo para salvar o homem, logo a salvação é monergista.

2.1.2 A contribuição da polêmica entre Pelágio e Agostinho.

Pelágio era um monge britânico, de vida rígida e de temperamento equilibrado¹². Talvez por essas razões fosse desconhecedor daqueles conflitos de alma, lutas contra o pecado, das experiências com uma graça renovadora, como a que influenciou e moldou a vida e o pensamento do seu contemporâneo Agostinho. As idéias de Agostinho sobre o pecado foram moldadas por suas profundas experiências mundanas e religiosas, pelas quais passou, desde uma vida dissoluta e profana a uma vida ilibada e piedosa.

Agostinho e Pelágio eram homens de pensamentos teológicos completamente opostos, exatamente porque tiveram suas vidas marcadas por traços e experiências diferentes. Pelágio afirmava que a queda de Adão prejudicou exclusivamente a ele mesmo, e não tolheu a natureza humana para o bem.

O monge Britânico afirmava não existir transmissão hereditária de natureza pecaminosa ou de culpa e, conseqüentemente, inexistente tal coisa como o pecado original. O homem continua nascendo na mesma condição em que Adão estava antes da queda. Está isento, não só de culpa, como também de poluição. Não existem tendências e desejos maus em sua natureza que resultem em pecados.

Pecado, segundo Pelágio, consiste apenas de atos isolados da vontade. Se o homem deseja o que é mau, ele peca. Mas nada há para impedi-lo de escolher o que é bom, evitando desta maneira o pecado. Pelágio rejeitou a idéia que se deve conceber o pecado em termos da natureza ou do caráter do homem. O pecado não é defeito da natureza, mas da vontade. Como resultado, também negou-se a aceitar a doutrina do pecado original. Pecado é apenas o que o homem faz, e por causa disto não pode ser transmitido por herança, não pode estar implícito na natureza.¹³

Por consequência, Pelágio rejeita o pecado dos infantes. Como considerava o pecado como defeito da vontade, ensinava que as crianças são incapazes de escolher conscientemente o que é certo e o que é errado, Portanto, as crianças estão livres do pecado.

A Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia estende a idéia de Pelágio, afirmando que: “O pecado original é uma impossibilidade, visto que o pecado depende de um

¹² HANGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Tr. Mário Rehfeldt. Porto Alegre, RS: CPC, 1973, p. 111.

¹³ Ibid., p. 112.

ato da vontade e não de alguma questão de herança. O pecado é uma volição depravada e não uma enfermidade da alma transmitida de geração em geração”¹⁴

Pelágio pensava que o pecado fosse comunicado por força do mau exemplo e não por qualquer mecanismo de natureza física ou espiritual. É que ele desejava preservar o conceito de liberdade moral, e pensava que a idéia do pecado original debilitava a liberdade moral do homem.

A posição de Agostinho, no entanto, sobre o pecado, era uma oposição aos Maniqueus¹⁵, grupo com o qual se envolveu antes de sua conversão e era árduo defensor. Neste sentido Agostinho destacava o ato voluntário do homem em relação ao pecado.

O pensamento que o pecado está implícito na natureza humana é sugerido pela própria idéia de ser a corrupção herdada. O primeiro passo em falso resultou do livre arbítrio do homem. Mas toda a raça humana esteve envolvida na queda de Adão. O Adão bíblico é o homem em geral; todos estão representados nele, de modo que todos os seus descendentes formam uma unidade nele. Como resultado, todos participam na culpa de Adão, mesmo que a presença original no indivíduo não dependa de um ato da vontade; está presente antes que a vontade comece a se manifestar. A condição de culpa é herdada, e é removida do indivíduo através do batismo.¹⁶

Agostinho também destacou sua doutrina sobre o pecado original não como uma unidade da raça humana de modo federal (representativa), e sim realista. Sobre isso Berkhof afirma:

Toda a raça humana estava germinalmente presente no primeiro homem, pelo que também ele realmente pecou em Adão. A raça não é individualmente constituída, isto é, de grande número de indivíduos relativamente independente, mas é organicamente constituída isto é, de grande número de individualizações, que são porções orgânicas daquela natureza humana genérica que se achava presente em Adão¹⁷

Além de apresentar a relação de Adão com a humanidade, Agostinho fez questão de apresentar artigos contra a idéia pelagiana da corrupção da vontade. O bispo de Hipona entendia que a liberdade ou livre arbítrio do homem fora perdido por causa da queda de Adão.

¹⁴ CHAMPLIN, Russel N.; BENTES, João. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Candeia, 1991, p. 185.

¹⁵ O Maniqueísmo é uma filosofia religiosa dualística que divide o mundo entre Bem, ou Deus, e Mal, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom.

¹⁶ HANGGLUND. Op. Cit., p. 115.

¹⁷ BERKHOF, Louis. **História das doutrinas cristãs**. tr. João Marques Bentes. São Paulo: PES, 1992, p. 122.

O ato volitivo do homem lhe causou consequências para a eternidade. Tanto que uma delas é que sua tendência é tão somente fazer a vontade do pecado.

Como resultado do pecado o homem ficou totalmente depravado e incapaz de qualquer bem espiritual. Essa foi a conclusão de Agostinho que, contribuindo para sua posteridade, foi o primeiro a elucidar com clareza e precisão o caráter de culpa inerente ao pecado de Adão, transmitido a todos os homens. Ele também comprova o pecado original principalmente por Romanos 5. 12, e afirma ser a transmissão de geração em geração pela concupiscência da carne, visto que os filhos são gerados pela ação da concupiscência dos pais.

2.2 IDADE MÉDIA

O pensamento teológico no período da Idade Média com relação ao pecado original não foi muito além das idéias dos pais da igreja. Tertuliano, Pelágio e Agostinho deixaram resquícios e certa influência posterior, permitindo à Igreja Católica a formulação da doutrina a respeito do pecado original.

Gregório, o grande, fortemente influenciado por Agostinho, Jerônimo e Ambrósio se tornou autor de grande reputação e se esforçou bastante para disseminar a doutrina do pecado original. Depois de Agostinho, ele foi a autoridade de maior influência na igreja. Afirmava que o primeiro pecado de Adão foi um ato livre, pelo qual se tornou sujeito às cegueira e morte espirituais. Através do pecado do primeiro homem, todos os homens se tornaram pecadores e sujeitos à condenação. Ele considerava o pecado mais como uma fraqueza ou doença do que como culpa, e ensinava que o homem não perdera a liberdade, porém somente a bondade da vontade.

Anselmo de Canterbury, grande pensador da Idade Média, frisava a doutrina do pecado original, mas destacava que o termo original não se refere à origem da raça humana, e, sim, ao indivíduo na atual condição de pecado. Ele afirma ainda que o pecado original poderia ser chamado “pecado natural”, porque antes representa uma condição para a qual a natureza humana foi trazida desde a Criação. Por causa da queda, ficou o homem culpado e poluído, e tanto a culpa quanto a poluição são agora transmitidas de pai para filho. Todo pecado, quer original ou factual, constitui-se em culpa.

À semelhança de Agostinho, Anselmo tinha cada criança como uma porção individualizada daquela natureza humana geral que Adão possuía, de tal modo que o homem também pecara em Adão, tornando-se assim culpado e poluído. Anselmo, também, compreende que culpa do pecado, isto é, o pecado original é a transmissão da responsabilidade do pecado para o indivíduo, ou seja, a culpa do indivíduo.

A Igreja Católica concebia que Adão era a cabeça da raça humana, representante de todos os seus descendentes. Logo, todos pecaram nele, tendo chegado ao mundo carregados com o pecado original. O pecado é universal e voluntário, por ser derivado do progenitor original. Não deveria ser identificado com a concupiscência, com os desejos e com a sensualidade presente no homem, porquanto essas coisas não são pecaminosas, no mais estrito significado do vocábulo.

Os católicos romanos entendiam que o verdadeiro pecado sempre consiste num ato consciente da vontade. É certo que as disposições e os hábitos que não estão de acordo com a vontade de Deus são de caráter pecaminoso; contudo, não se lhes pode chamar pecados, no sentido estrito da palavra. A concupiscência que está presente no homem e por trás do pecado, ganhou domínio sobre o homem no paraíso e, assim, precipitou a perda do *donum superadditum* da justiça original, não pode ser considerada pecado, mas somente a lenha (*fomes*) ou o combustível para o pecado. A pecaminosidade dos descendentes de Adão é primordialmente uma condição negativa, apenas, consistindo na ausência de algo que devia estar presente, isto é, da justiça original, que não é essencial à natureza humana¹⁸.

2.3 REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO XVI

Os reformadores seguiram Agostinho e Anselmo na interpretação da doutrina do pecado, embora com algumas modificações. Eles expuseram uma definição mais completa da relação entre o pecado de Adão e o de seus descendentes, substituindo a teoria realista de Tertuliano, Agostinho e Anselmo, pela idéia do pacto.

O grande Martinho Lutero entendia que pecado original não era apenas ausência de justiça original e nem concupiscência, mas uma tragédia que afetou plenamente o homem. Lutero compreendia, diferente de Pelágio por ser monge agostiniano, que o pecado está

¹⁸ BERKHOF, Op. Cit., 1990, p. 237.

presente antes de qualquer expressão volitiva ou de experiência pessoal. Concebia, também que, a corrupção do pecado era transmitida de geração a geração.

Calvino, em sua *Institutas da Religião Cristã* trouxe um conceito brilhantes sobre o pecado original.

O pecado original representa, portanto, a depravação e corrupção hereditárias de nossa natureza, difundidas por todas as partes da alma, que, em primeiro lugar, nos fazem condenáveis à ira de Deus; em segundo lugar, também produzem em nós aquelas obras que a Escritura chama de “obras da carne” [Gl 5.19]. E é propriamente isto o que por Paulo, com bastante frequência, designa apenas de pecado. As obras que de fato daí resultam, quais são: adultérios, fornicções, furtos, ódios, homicídios, glotonarias, Paulo chama, segundo esta maneira de ver, “frutos do pecado” [Gl. 5.19-21], ainda que, como a cada passo nas Escrituras, sejam também por ele referidas simplesmente pelo termo “pecados”.¹⁹

O grande Reformador, ressaltou que o pecado original não é apenas privação, mas também é total corrupção da natureza humana. E que a corrupção tinha sede nas faculdades superiores tanto quanto nas inferiores da alma, operando por meio dessas na forma de maldade positiva. Os reformadores mantinham que o pecado original é algo mais que mera ausência de justiça original, são pecados no íntimo que tornam o indivíduo culpado e merecedor de condenação.

Zwinglio concordou, em linhas gerais, com Lutero e Calvino, embora aparentemente reputasse o pecado original como uma enfermidade e condição, e não como um pecado no sentido estrito da palavra. O próprio Melancton aderiu a esse ponto de vista em princípio, mas posteriormente modificou sua opinião.

Os socinianos, por sua vez, reagiram contra a doutrina do pecado seguindo a mesma linha de Pelágio. Consideraram um absurdo, a afirmação calvinista, que o primeiro homem teria se perdido. Afirmavam que o indivíduo morre, não por causa do pecado de Adão, e sim por haver sido criado um ser mortal. E por fim, acreditavam que a humanidade, por natureza, é como Adão antes da queda. Ou seja, não existe nenhuma tendência natural que leve o homem a pecar.

¹⁹ CALVINO, João. **As institutas de tratado da religião cristã**. Tr. Walter Carvalho Luz. São Paulo: CEP, 1985. Vol. 2, p. 23.

O pastor e teólogo reformado holandês Jacob Harmensz, discípulo do notável calvinista Teodoro Beza, ficou mais conhecido pela forma latinizada de seu nome, Jacobus Arminius. No inglês, é usualmente referenciado como James Arminius ou Jacob Arminius. Em português, seu nome seria Jacó Armínio. Ele defendeu uma forma evangélica de sinergismo. Desconsiderou a força do pecado original, afirmando que os crentes são capazes de resistir ao pecado. Armínio, afirmou ainda, que os homens são naturalmente incapazes de fazer qualquer esforço para a salvação. Mas, isto não por causa do pecado original, mas tão somente por causa da graça.

Na mesma reação contra os reformadores, os seguidores de Armínio, os arminianos, de postura idêntica ao semi-pelagianismo, afirmavam que a transgressão de Adão teve um mau efeito sobre a condição espiritual de todos os seus descendentes, mas negavam a doutrina reformada do pecado original. Afirmavam que a culpa do pecado de Adão não é imputada aos seus descendentes, embora sua poluição seja transmitida de pai para filho. Eles não têm essa poluição como pecado, no sentido apropriado do termo, porém como enfermidade ou fraqueza. Não impõe ao homem, sentença condenatória, mas debilita sua natureza, de tal modo que se torna ele incapaz de alcançar a vida eterna, quer firmando-se de novo no favor de Deus, quer descobrindo por si mesmo um caminho de salvação. Logo, não crêem na total depravação da natureza humana.

E, por fim, o Sínodo de Dort, realizado na Holanda, em 1618, asseverou a doutrina do pecado original no estrito sentido do termo, dizendo:

No princípio o homem foi criado à imagem de Deus. Foi adornado em seu entendimento o com o verdadeiro e salutar conhecimento de Deus e de todas as coisas espirituais. Sua vontade e seu coração eram retos, todos os seus afetos, puros, portanto, era o homem completamente santo. Mas, desviando-se de Deus, sob instigação do Diabo e pela sua livre vontade, ele se privou desses dons excelentes. Em lugar disso trouxe sobre si cegueira, trevas terríveis, leviano e perverso juízo em seu entendimento; malícia, rebeldia e dureza de sua vontade e em seu coração; ainda impureza em todos os seus afetos.²⁰

Desde que Adão foi o representante legal de todos os seus descendentes, é imputada a culpa do seu primeiro pecado. Ou seja, todos os homens em Adão, tornaram-se objetos diretos da depravação e por consequência culpados e merecedores de todas as

²⁰ MARRA, Claudio (Ed). **Cânones de Dort: Os cinco artigos de fé sobre o arminianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 1995. Capítulo 3 do Artigo 1º.

consequências das atitudes de seu representante legal, Adão. Logo, todos os homens são totalmente corruptos, isto é, corrompidos em cada parte de seu ser e de tal maneira que não podem cumprir nenhum bem espiritual.

Portanto, de acordo com Calvino e os reformadores em geral, o pecado original é uma depravação hereditária, uma corrupção da natureza humana que torna o homem detestável para a ira divina e produz nele as obras da carne, sendo culpados e corrompidos em Adão.

2.4 MODERNIDADE NAS VOZES DO LIBERALISMO E ILUMINISMO

Após a Reforma a idéia de pecado original passou por algumas mudanças significativas. O arminianismo do século XVI afirmava que o pecado original continuava sendo real e autêntico no sentido estrito da palavra e que torna o homem culpado aos olhos de Deus, sendo assim imputada aos descendentes. Todavia, a culpa original era cancelada pela justificação, ou seja, a idéia do pecado original ocupa lugar apenas teórico nesse sistema.

A partir dos séculos seguintes, o mundo recebeu forte influência da filosofia e do racionalismo. E por isso, a doutrina do pecado original perdeu força e a idéia do pecado começava a ser substituída pelo conceito do mal.

Vários filósofos encaravam o mal do mundo como algo metafísico, e não ético. Immanuel Kant identificou o “mal radical” como aquilo que geralmente é chamado de pecado original, porquanto rejeitava a narrativa histórica da origem do pecado, e também a idéia da herança física do pecado²¹.

Outro filósofo, o alemão Friedrich Schleiermacher reputa o pecado como produto necessário da natureza sensual do homem. Ele nega a realidade objetiva do pecado e lhe atribui mera existência subjetiva, ou seja, considera o pecado como existente apenas na consciência humana²². Além do mais, sendo Deus um determinista, o homem deveria atribuir

²¹ HOEKEMA, Anthony. **Criados a imagem de Deus**. tr. Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 159.

²² HANGGLUND, Op. Cit., p. 307.

culpa ao seu sentimento de deficiência, não porque realmente seja pecado, mas Deus o faz a fim de que haja ocasião para redenção.

Leibniz afirmava que pecado não pode ser atribuído à acaso pessoal de Deus e, portanto, deve ser considerado como simples negação ou privação. As limitações da criatura o tornam inevitável²³. Com isso Leibniz torna o pecado um mal necessário, desde que as criaturas são necessariamente limitadas, e o pecado é uma consequência inevitável dessa limitação.

O pensador Spinoza considerava o pecado original como uma ilusão. Ou seja, se o homem tivesse um conhecimento eficiente ou adequado de Deus, ele teria entendimento real e pleno do transcendente, e não teria nenhuma idéia do pecado²⁴.

A era moderna era essencialmente humanista. Não somente exaltava a pessoa humana, como a bondade humana. Os filósofos e teólogos modernistas acreditavam em uma bondade inerente à verdade bíblica, bem como davam ao homem capacidade plena de fazer o que é reto e bom.

2.5 PÓS-MODERNIDADE NAS VOZES DA NEO-ORTODOXIA E DO EXISTENCIALISMO²⁵

Entre os períodos do liberalismo e da neo-ortodoxia, observa-se o pensador dinamarquês Søren Kierkegaard²⁶. Ele não encarava Adão como sendo um personagem bíblico de comprovada existência histórica, mas afirmava o homem como pecador ou capaz de pecar. Kierkegaard dizia, ainda, que o Adão de Gênesis era ignorante e que não sabia distinguir entre o bem e o mal.

²³ BERKHOF, Op. Cit., 2000, p. 230.

²⁴ Ibid., 2000, p. 231.

²⁵ Corrente filosófica e literária que destaca a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade do ser humano. O existencialismo considera cada homem como um ser único que é mestre dos seus atos e do seu destino. O existencialismo afirma a prioridade da existência sobre a essência.

²⁶ Ver KIERKEGAARD, S.A. **O Conceito de Angústia**. Tr. Torrieri Guimarães São Paulo, Hemus, 1968.

Kierkegaard admitiu a representatividade na pessoa de Adão em relação a humanidade²⁷. Todavia, a medida que considerava hipoteticamente o pecado original, ou seja, se ele existe mesmo, então como afirmar se os pecados dos homens são consequências do pecado de Adão?

O principal nome da neo-ortodoxia e fundador dela é o suíço Karl Barth. Nasceu no final do século XIX. Era um teólogo e pastor reformado. Foi aluno do ilustre Harnack, e foi grandemente influenciado pelo neokantianismo e por Kierkegaard.

Barth foi um grande expoente da teologia da crise, pregando que a Palavra de Deus é o registro da revelação do Transcendente. Acentuou a solidariedade da raça humana, mas negou que o pecado se tenha originado num ato de Adão no paraíso. Atribuiu às doutrinas do pecado original, da queda de Adão, da redenção, da ressurreição e da segunda vinda de Cristo a idéia de saga, ou seja, a uma novela ou mito para a vida real. Gênesis 3, por exemplo, não deve ser tomado como história literal, sendo apenas uma forma simbólica de explicar a realidade do pecado e do orgulho na vida humana²⁸.

O teólogo suíço afirmava que a queda pertence à pré ou super-história (um evento não histórico), e já era algo passado quando Adão entrou em cena.

Barth afirmava, ainda, que a origem do pecado está no mistério da predestinação, bem como está ligado intrinsecamente à própria condição humana, ou seja, ele sugere que Deus tenha criado o homem com tendência pecaminosa²⁹.

O segundo nome da neo-ortodoxia foi o, também suíço, Emil Brunner. Viveu a maior parte de sua vida nos Estados Unidos, onde teve participação importante no desenvolvimento da teologia neo-ortodoxa. Assim como Barth, atribuiu o evento da saga da queda de Adão a um mito.

²⁷ DE PAULA, Marcio Gimenes. **Adão e a temática do pecado original segundo Kierkegaard**. Disponível em: <http://www.sorenkierkegaard.com.ar/index2.php?clave=trabajo&idtrabajo=43&clavebot=jornadask>. Acesso em: 24 abr. 2010.

²⁸ HOEKEMA, Op. Cit., 1999, p. 130.

²⁹ BERKHOF, Op. Cit., 1990, p. 221.

Brunner divergiu de Barth em relação a teologia do homem como imagem de Deus. Compreendia que, se o homem pecador não é mais a imagem de Deus e se não há nenhuma revelação de Deus na natureza, então o homem não pode ser responsabilizado pelo pecado que comete³⁰.

No mesmo sentido, os contemporâneos dos suíços Barth e Brunner, Rudolf Bultman e Paul Tillich, explanaram sobre o pecado, mas falaram pouco sobre o pecado original. Os teólogos Alemães eram existencialistas. Eles foram grandemente influenciados pelo existencialista Heidegger³¹.

Bultmann (1884 – 1976), teólogo protestante alemão, acreditava que o pecado era um mal localizado e que devido às situações trágicas que os homens enfrentam nesta vida, todos têm um sentimento de pavor e angústia dentro de si, porém o homem, ou melhor, a existência humana é boa e otimista. Sua posição existencialista minimizou a força do pecado original e não acentuou a sua influência na humanidade³².

Tillich, que além de teólogo era filósofo, entendia que o homem vive alienado, sendo o pecado uma alienação. Compreendia que a resposta ou solução para essa alienação existencial era o novo ser em Cristo³³.

³⁰ HOEKEMA, 1999, p. 131.

³¹ DE PAULA, Op.Cit.

³² BULTMANN, Rudolf. **Demitologização**. Tr. Walter Altmann e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 27,28.

³³ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. 2ed. Tr. Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 2000, p. 333.

3 DOUTRINA REFORMADA DO PECADO ORIGINAL

Como se observa, a doutrina do pecado original apresentou diversas vertentes dentro da história. A concepção da doutrina não teve unanimidade entre teólogos, filósofos, seguimentos da igreja, e nem entre os primeiros reformadores. Por isso, os reformadores do século XVI não hesitaram em apresentar, entre todas as doutrinas importantes para a fé cristã, a doutrina reformada do pecado original como a principal. O capítulo da confissão de fé de Westminster que aborda sobre a queda do homem, o pecado e o seu castigo, afirma:

Por este pecado eles decaíram de sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as dificuldades e partes do corpo e da Alma.

Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito de seu pecado foi imputado a seus filhos, e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foi transmitida a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária

Desta corrupção original, pela qual ficamos totalmente indispostos, incapazes e adversos a todo bem e inteiramente inclinado a todo mal, é que procedem todas as transgressões atuais³⁴

A abordagem agora em questão é a doutrina do pecado original na perspectiva reformada, que é um dos aspectos teológicos essenciais da doutrina cristã do homem, a antropologia bíblica. Em 1646, Os teólogos reformados se preocuparam em formular a Confissão de Fé de Westminster, com o objetivo de assegurar a fidelidade às Escrituras e às doutrinas bíblicas. E neste sentido, o pecado original, como um dos pilares para outras doutrinas fundamentais, também, deveria ser considerado como primordial para a fé cristã, visto que aos olhos da reforma o pecado original não tinha, até então, uma formulação coerente com as Sagradas Escrituras.

Contudo, mesmo a doutrina sendo aprovada na Abadia de Westminster, muitos teólogos rejeitaram o pecado original. No livro *Criados à Imagem de Deus*, Anthony Hoekema afirma:

³⁴ **Confissão de fé de Westminster**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, Capítulo VI, Seções 2,3e 4.

Antes de eu expor a doutrina do pecado original, temos de salientar que muitos teólogos recentes rejeitam essa doutrina no sentido tradicional. O ensino tradicional da igreja Cristã é que a Queda foi um evento histórico pelo qual Adão e Eva rebelaram-se contra Deus comendo do fruto proibido. Por causa deste primeiro pecado, todos os descendentes de Adão e Eva nascem agora com uma natureza corrompida e encontram-se debaixo de uma sentença de condenação por causa do seu vínculo com Adão, que, ao cometer o primeiro pecado, agiu como cabeça e representante deles. No entanto, teólogos modernos nos têm ensinado de outra maneira³⁵

O que estranha é a negação taxativa de Romanos 5. 12, que enfatiza a realidade da humanidade diante de Deus por causa da queda de Adão, texto base para a doutrina do pecado original, na opinião reformada.

Percebe-se, então, que os teólogos reformados preocupavam-se na formulação das confissões de fé históricas, com todo aparato bíblico na confirmação do pecado original. Uma vez que o Novo Testamento ensina claramente que a queda do homem foi um evento histórico e que houve de fato um primeiro casal (Adão e Eva), cujo pecado afetou toda a história subsequente.

Segue-se agora a análise detalhada sobre a origem, natureza, transmissão e resultados do pecado original no homem, de acordo com o ponto de vista reformado.

3.1 A ORIGEM DO PECADO

O cristianismo, de um modo geral, divide-se quanto à questão da origem do pecado, ou seja, quanto ao autor da queda. A dúvida está na pergunta: como se pode entender a transgressão e corrupção espiritual na humanidade? Alguns grupos não consideram o pecado de Adão e a degeneração da raça humana. Outros afirmam a relação do pecado da humanidade com Adão, como se vê:

A igreja cristã tem caminhado em duas direções distintas com relação à questão. Os pais da igreja oriental, os pelagianos, os socinianos, os arminianos e os racionalistas e evolucionistas modernos tendem a dissociar a pecaminosidade da raça humana do pecado de Adão. Para todos estes, a corrupção da humanidade não tem relação direta com a queda de nossos primeiros pais. Os pais da igreja ocidental, Agostinho, os Reformadores e os protestantes em geral, por outro lado, explicam o estado de

³⁵ HOEKEMA, Op. Cit., 1999, p. 162.

pecado em que a raça humana se encontra como consequência direta e inevitável do pecado original, da desobediência de Adão³⁶

A questão da origem do mal tanto no círculo cristão quanto no filosófico sempre será um grande problema a ser resolvido. A reforma, porém, preocupou-se com esse problema chamado origem do pecado. Os reformadores procuraram explicar apresentando três indicativos: A origem do pecado e a vontade de Deus, Origem do pecado no mundo angélico e o origem do pecado conforme os relato de Gênesis 3.

Primeiramente, quanto à origem do pecado e à vontade de Deus, é importante esclarecer que Deus não é o autor do pecado, pois iria de encontro a todo o ensinamento bíblico que atesta a bondade e santidade de Deus, como afirma Jó 34. 10: “Longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo Poderoso o cometer injustiça”. Como se sabe Ele odeia o pecado “Pois tu não és Deus que se agrada com iniquidade, e contigo não subsiste o mal”³⁷.

Deus não é o autor do pecado. E isto é fato indiscutível. No entanto, o Deus soberano, conhecedor de todas as coisas e dentro de sua inesgotável inteligência e sabedoria, permitiu a ação do inimigo e do pecado no mundo. Portanto, não se pode admitir que a queda não foi prevista, ou que tenha saído do controle de Deus. O decreto eterno de Deus evidentemente deu a certeza da entrada do pecado no mundo, mas não se pode interpretar isso fazendo de Deus o autor do pecado.

Não obstante, à luz dos atributos divinos, tais como a sua soberania, onisciência, onipresença e onipotência, deve-se reconhecer que mesmo a queda foi soberanamente determinada por um decreto permissivo de Deus, com vistas à manifestação da glória dos seus atributos. A queda estava incluída no seu propósito ou plano [...] não porque fosse sua vontade, querer ou desejo [...] que o pecado existisse, mas porque até mesmo os atos pecaminosos dos homens e das criaturas espirituais são soberanamente empregados por Deus para a consecução dos seus propósitos eternos, de modo que redundem na sua própria glória. Deus não teve prazer com a queda do homem. Ele não provocou ou forçou o homem a pecar, nem aprovou de modo algum o pecado de Adão. Mas ainda assim, a queda estava sob controle divino; Deus não apenas a permitiu, mas limitou, regulou e governou inclusive as ações pecaminosas em geral, com vistas à consecução da sua santa vontade³⁸

³⁶ ANGLADA, Paulo. **Antropologia bíblica: Doutrina reformada a respeito do homem**. Belém, PA, 1997. [material não publicado], p. 34.

³⁷ Cf. Salmo 5.4

³⁸ ANGLADA, 1997, Op. Cit., p. 40.

O pecado é, portanto, contra a vontade de Deus, mas nunca além da sua vontade. Deus permitiu que acontecesse a queda porque, em sua onipotência, Ele poderia produzir o bem, até mesmo através do mal. Mas o fato de que o pecado do homem não ocorre fora da vontade de Deus, não explica sua origem e nem o justifica.

Em segundo lugar, é importante que se aborde aqui também o pecado no mundo angélico, ou seja, a queda dos anjos. A Bíblia relata a criação de tudo o que existe hoje, inclusive a criação dos anjos, declarando: “e viu Deus que tudo o que criou era bom”³⁹. No entanto, ocorreu uma queda no mundo angélico, em que legiões de anjos se afastaram de Deus.

O texto Bíblico que mais se aproxima de uma descrição do pecado dos anjos é Judas 6⁴⁰: “e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas para juízo do grande dia”. Nota-se que esses anjos, inconformados com a posição que se encontravam, se rebelaram contra Deus. E, ao que tudo indica, a raiz do pecado deles parece ter sido o orgulho, como se vê em I Timóteo 3.6: “Para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do Diabo”. A insatisfação angelical levou anjos a rebelião e ao orgulho, e, por consequência, os conduziram ao erro, dando oportunidade ao pecado na Criação.

Na verdade, nas Escrituras nada é dito com relação ao tempo da queda dos anjos, o que indica que ela ocorreu antes da queda do homem. Hoekema afirma que o significativo aqui é que o pecado não se originou no mundo dos seres humanos, mas no mundo dos Espíritos⁴¹.

E, em terceiro lugar, se tratará ainda acerca do pecado original no relato histórico de Gênesis 3, onde fala da atitude de Adão e Eva em ceder a tentação de Satanás no Jardim do Éden. O texto em destaque mostra que a rebelião do primeiro casal aconteceu por interferência e influência também de Satanás.

³⁹ Cf. Gênesis 1.31

⁴⁰ O texto de Judas 6 é controverso e tem diversas interpretações. Uma delas afirma que há uma ligação dele com Gênesis 6, e o termo “filhos de Deus”. De acordo com esta interpretação, estes são anjos, admitindo a interpretação do livro apócrifo de Enoque.

⁴¹ HOEKEMA, 1999, Op. Cit., p.141.

Deus havia deixado uma ordem clara e simples: não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Naquele momento Deus havia estabelecido com Adão um pacto ou uma aliança, um contrato com obrigações e promessas. O pacto estabelecido prometia bênçãos diante de uma ação de obediência e condenação se fosse desobediente e rebelde.

O relato da queda do primeiro homem afirma que, por um ato puramente voluntário, o homem transgrediu e pecou, colocando-se em oposição a Deus. Sendo ele representante federal da raça humana, fez dela também pecadora e completamente depravada. Como afirma Berkhof:

Com respeito a origem do pecado na história da humanidade, a Bíblia ensina que ele teve início com a transgressão de Adão no paraíso, e, portanto, com um ato perfeitamente voluntário da parte do homem. O tentador veio do mundo dos espíritos com a sugestão de que o homem, colocando-se em oposição a Deus, poderia tornar-se semelhante a Deus. Adão se rendeu à tentação e cometeu o primeiro pecado, comendo, o fruto proibido. Mas a coisa não parou por aí, pois com esse primeiro pecado Adão passou a ser escravo do pecado. Este pecado trouxe consigo corrupção permanente, corrupção que, dada a solidariedade da raça humana, teria efeito, não somente sobre Adão, mas também todos os seus descendentes. Como resultado da queda, o pai da raça só pode transmitir uma natureza depravada aos pósteros. Desta fonte não santa o pecado flui em uma corrente impura passando para todas as gerações de homens, corrompendo tudo e todos com que entram em contato⁴²

A veracidade quanto à narrativa da queda é enfática em todos os textos das Escrituras que a mencionam. Alegar, como fazem os teólogos liberais, que a queda é mito, é negar a depravação generalizada evidente na raça humana.

Deve-se notar também que a causa imediata do pecado foi a insubmissão ao pacto das obras. Adão foi exortado, advertido, e chamado a um pacto. Se fosse obediente e fiel, teria vida e gozo, mas, como foi desobediente, recebeu morte e consequência do primeiro pecado para si e para seus descendentes. Anglada corrobora dizendo que:

Entretanto, visto que sucumbiram à tentação, que permitiram que o pecado brotasse em seus próprios corações, arcaram com as consequências naturais e legais da desobediência: a corrupção da *imago dei*, a separação de Deus e a morte desobediência ao pacto arrancou nossos primeiros pais do estado de inocência que foram criados, introduzindo-os e a toda a descendência deles, no estado de pecado⁴³.

⁴² BERKHOF, Op. Cit., 1990, p. 222.

⁴³ ANGLADA, Op.Cit., 1997, p.37.

3.2 A NATUREZA DO PECADO

Não há como negar a realidade e a universalidade do pecado, e quem nega essa realidade fecha os olhos para a realidade humana. Mas, o próprio Deus a reconheceu, como afirma Genesis 6.5: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração”.

Diversas teorias foram levantadas para se negar ou não problematizar a doutrina do pecado, tanto no ramo da filosofia como na religião. O objetivo é descaracterizar a essência ou caráter do pecado. A teoria dualista enfoca um princípio eterno do mal em duelo eterno com o bem. A teoria da privação ou negação afirma que o pecado é ausência do sumo bem, tornando assim um mal necessário. O conceito pelagiano, totalmente adverso ao conceito reformado, afirma que o mal (pecado), assim como o bem, está localizado nas ações isoladas do homem, pois seu “livre-arbítrio” dá condições plenas para não pecar.

Ao contrário dessas teorias e conceitos, os reformadores primaram pelo princípio bíblico da ênfase do pecado na raça humana como diz Eclesiastes 7.20: “Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque”, caso contrário faz-se de Deus um mentiroso, como afirma 1 João 1.10.

Quanto ao conceito do pecado, qual então é o seu significado, a sua essência? Qual o caráter essencial do pecado? Calvino se propõe a definir o pecado, exatamente por causa das dúvidas existentes na época, as quais obscureciam o conceito do pecado original e provocaram incertezas na mente humana. Nas Institutas ele afirma assim:

O pecado original afigura-se, portanto, a hereditária depravação e corrupção de nossa natureza, difundida por todas as partes da alma, que, em primeiro lugar, [nos] faz condenáveis à ira de Deus; em segundo lugar, também produz em nos [aquelas] obras que a Escritura chama de "Obras da Carne" [Gálatas 5.19]. E é propriamente isto [o] que por Paulo, com frequência maior, se designa [apenas] de pecado. As obras que, de fato, daí resultam, quais são: adultérios, fornicções, furtos, ódios, homicídios, bródios, [Paulo] chama, segundo esta maneira de ver, “frutos do pecado” [Gálatas 5.19-21], se bem que, como a cada passo nas Escrituras, sejam também por ele referidas simplesmente [pelo termo] “pecados”⁴⁴

⁴⁴ CALVINO, Op. Cit., p. 10.

O Catecismo Maior de Westminster, respondendo a pergunta número 24, afirma que: “Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou a transgressão de qualquer lei por ele dada como regra a criatura racional”⁴⁵. Ou seja, qualquer oposição feita a Deus será automaticamente considerada pecado.

Com relação a natureza do pecado serão observadas três questões: O mal moral, o pecado com sede no coração e a relação com a lei de Deus.

3.2.1 O Mal Moral

Existe um contraste no que diz respeito a questão do conceito do pecado e do mal. Estes não podem ser considerados como termos intercambiáveis. Os dois conceitos não expressam a mesma idéia. O problema se contra na demasiada ênfase dada ao mal e na desconsideração do pecado. A confusão, também, se dá na idéia de que todo mal é pecado, conceito completamente errôneo. Nem todo mal é pecado. Ou seja, uma tempestade e um furacão podem ser considerados como um mal, mas nunca pecado. Não se pode confundir o pecado com mal físico, no sentido calamitoso. Na verdade o pecado é um mal moral, em contraste com o bem moral.

Muitos igualam os termos pecado e mal. Porém, eles jamais poderão ser colocados na mesma plataforma teológica, pois biblicamente são apresentados diferentemente. Pode-se dizer que o mal engloba o pecado, ou seja, “o pecado é uma categoria específica do mal”⁴⁶. E, neste sentido, o pecado não pode ser expresso como substituto do mal, mas deve ser sempre entendido como um mal moral, pois nas Escrituras o pecado tem se apresentado na esfera da moral. Analisando alguns termos hebraicos referentes ao pecado, Berkhof reforça está idéia ao afirmar:

Chatta'th dirige a atenção para o pecado como um efeito que erra o alvo e que consiste num desvio do caminho certo. *avel* e *avon* indicam que é uma falta de integridade e retidão, uma saída da vereda designada. *pesh* refere-se a ele como uma revolta ou uma recusa de sujeição a autoridade legítima, uma positiva transgressão da lei, e um rompimento da aliança. *erasha* o assinala como uma fuga ímpia e culposa da lei (...) As palavras neotestamentárias correspondente, como *hamartia*, *adikia*, *parabasis*, *paraptoma*, *anomia*, *paranomia* e outras indicam as

⁴⁵ **Catecismo maior**. São Paulo: Cultura Cristã, 1994, p. 17.

⁴⁶ BERKHOF, Op. Cit., 1990, p. 223.

mesmas idéias. Em vista do emprego dessas palavras e do modo pelo qual a Bíblia normalmente fala do pecado, não se pode duvidar do seu teor ético⁴⁷.

3.2.2 O coração como sede do pecado

Quando se fala de pecado relacionado com o coração do homem, as Escrituras Sagradas apresentam um apanhado de textos bíblicos que declaram claramente o real estado do coração humano: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conheceu?”⁴⁸, “Sobre tudo o que se deve guardar, guardar o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida”⁴⁹, “Por que do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmia⁵⁰”, “O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal, porque a boca fala do que esta cheio o coração”⁵¹.

Assim como a salvação tem o coração como porta de entrada, que nele brota a fé para a vida eterna; assim também, o coração serviu como ponto de acesso para a entrada do pecado no mundo, quando Adão, em seu coração, desejou e escolheu o pecado. Em outras palavras, a fonte do pecado não está no corpo nem em qualquer outra, dentre as várias capacidades do ser humano, mas no centro de seu ser, o coração.

Berkhof defende, em sua teologia sistemática, que o pecado teve sua origem na vontade do homem, e que todos os homens, em Adão, passaram a ter uma tendência volitiva do coração para pecar⁵².

No entanto, o homem que foi criado santo, perfeito e sem pecado, sendo seduzido pela artimanha de Satanás, permitiu que em seu coração brotasse um sentimento de desobediência a Deus e de incredulidade quanto à palavra Dele. Isto é, permitiu que intelecto, vontade e emoções fossem afetados, através do coração. A respeito disso diz Calvino:

⁴⁷ Ibid., p. 133.

⁴⁸ Cf. Jeremias 17.9

⁴⁹ Cf. Provérbios 4.23

⁵⁰ Cf. Mateus 15.19

⁵¹ Cf. Lucas 6.45

⁵² BERKHOF, Op. Cit., 1990, p. 235.

Pela qual razão, disse [eu] que desde que Adão se apartou da fonte de justiça todas as partes da alma vieram a ser possuídas pelo pecado. Pois, nem apenas o seduzem um desejo inferior, ao contrário, a própria cidadela da mente ocupou[-a] nefanda impiedade e ao mais recôndito do coração penetrou o orgulho, de sorte que é improcedente e estulto restringir a corrupção que daí emanou apenas ao que chamam de impulsos sensuais, ou chamar de acendalha que atraia, excite e arraste ao pecado somente a parte que lhe e a sensualidade⁵³.

Portanto, o pecado não reside nalguma faculdade da alma, mas no coração, no órgão central da alma. O termo coração aparece tanto Antigo quanto no Novo Testamento. No Antigo Testamento, coração vem das palavras hebraicas *lebh e lebhabh*. Ali, descreve a sede do pensamento, do sentimento e da vontade; também é a sede do pecado. O termo se refere ao homem no centro mais secreto de sua existência. É o centro religioso da existência inteira do ser humano. No Novo Testamento, coração vem da palavra grega *Kardia*. Neste caso, o coração compreende a vida física, espiritual e mental do homem. É descrito como lugar da habitação do Espírito Santo ou como lugar do pecado.

3.2.3 Relação com a Lei de Deus

Pecado e Lei estão intimamente ligados um ao outro. O pecado é rebelião ao Deus Soberano e ao seu sistema. É opor-se às leis de Deus e aos seus estatutos. Em reação a isso, é preciso insistir que, de acordo com as Escrituras, o pecado é sempre uma transgressão da lei de Deus, Romanos 7.7: “mas eu não teria conhecido o pecado, senão pelo intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: não cobiçarás”.

E impossível ter uma correta concepção do pecado sem vê-lo em relação a lei de Deus e má vontade do homem, ou seja, sem acentuação de “falta de conformidade com a Lei de Deus”. A relação com a lei é muito clara, pois Deus instituíra uma *lei de Obediência* (Grifo nosso) à ordem de não comer do fruto. Comentando sobre a confissão de fé de Westminster, Alexander Hodge, diz:

Que Deus, como o Guardião da raça humana, entrou em um pacto especial com Adão, como a cabeça natural da raça, constituindo-o também a cabeça federal de toda a humanidade e requerendo dele, durante o período de prova, perfeita obediência a lei supra mencionada prometendo a ele e aos seus descendentes nele

⁵³ CALVINO, Op. Cit., p. 11.

confirmação em santidade e felicidade eternas como recompensa pela obediência, e ameaçando-o com sua ira e maldição como punição por sua desobediência⁵⁴.

Não se pode relacionar qualquer outra coisa ao pecado a não ser a lei, pois o pecado dos primeiros pais foi o pecado de desobediência ao mandamento de Deus, em completa oposição e rebelião a Deus. Lei que valeu não só a Adão, mas a raça humana, sendo uma perfeita norma de justiça. E explicando acrescenta Anglada que “A lei, aqui mencionada, é a lei de Deus, no sentido mais amplo, incluindo toda a vontade revelada do Criador: Não apenas a lei dada a Moises, mas toda vontade de Deus implícita nesta lei”⁵⁵.

3.3 A IMPUTAÇÃO - TRANSMISSÃO DO PECADO

Verificou-se anteriormente a questão da queda, a origem do pecado e também da natureza do pecado como “falta de conformidade com a lei de Deus”. Agora, a questão a responder é: Como a pecaminosidade e a culpa de Adão foram transmitidas a humanidade?

Muitas respostas foram dadas a fim de tentar agradar o próprio homem com relação a sua natureza na transmissão do pecado. O grande opositor de Agostinho, Pelágio, negava a transmissão dizendo que não há relação do pecado de Adão com o dos seus descendentes. Ele afirmava que não existe pecado original, não existe transmissão de culpa e corrupção, pois o homem nasce na mesma condição de Adão: Neutro, nem bom nem mau. O que o homem recebeu de Adão foi o mau exemplo, ou seja, o pecado atribuído ao homem em Adão é a imitação. Hoekema declara a intenção de Pelágio:

A que, então, Pelágio atribui a universalidade do pecado? À imitação. Adão deixou mau exemplo aos seus descendentes. Todos estamos inclinados a imitar os maus exemplos de nossos pais, irmãos, irmãs, esposas ou maridos, amigos e conhecidos. Esse é o modo pelo qual o pecado é propagado de geração e de uma pessoa a outra⁵⁶.

E, ao contrário da imputação imediata, afirmava que a imputação do pecado de Adão a quem quer que fosse, a não ser a ele próprio, estaria em conflito com a retidão divina.

⁵⁴ HODGE, Alexander A. **Confissão de fé de Westminster comentada**. São Paulo: Os Puritanos, 1999, p. 337-338.

⁵⁵ ANGLADA, Op. Cit., 1997, p.47.

⁵⁶ HOEKEMA, Op. Cit., 1999, p. 74.

Outra tentativa de responder a esta questão foi o Realismo ou Unidade Genérica, que afirmava que Deus teria sido criador da natureza humana genérica, tanto corpo quanto alma, individualizada somente na procriação. Esta idéia foi defendida por Tertuliano, Agostinho, W.G. Shedal, Augustus Strong e outros. Agostinho explicou assim, em sua obra *Cidade de Deus*, o realismo:

Estávamos, pois, todos nós naquele único homem, visto que éramos, todos nós aquele único homem que caiu em pecado, pois não havia ainda a forma particular criada e distribuída a nós na qual, como indivíduos, haveríamos de viver, mas apenas a natureza seminal já existia, da qual haveríamos de nos propagar; e sendo essa [a natureza seminal] corrompida pelo pecado, preso pelas cadeias da morte e juntamente condenada, o homem não poderia ser gerado pelo homem em nenhum então estado⁵⁷.

Esta idéia é chamada de Realista porque afirma que todo o gênero humano teria “realmente” pecado em Adão.

Placeus⁵⁸ propõe outra teoria de transmissão do pecado chamada de Imputação mediata que afirma “que a raça humana não nasce depravada por ser culpada em Adão, mas é considerada culpada por causa de sua própria depravação”⁵⁹.

Hoekema amplia a idéia de Placeus dizendo que:

Placeus ensinou que a imputação a nós da culpa do pecado de Adão não foi imediata, mas mediata - isto é, não direta, mas indiretamente, com intermediação de algo. Todos nós herdamos a corrupção pecaminosa de Adão de nossos pais. Devido a essa corrupção, também tomamos parte na culpa da queda de Adão. Somos considerados culpados porque nascemos em um estado de corrupção. A imputação da culpa de Adão a nós é, portanto, mediata: mediata pela corrupção em que nascemos⁶⁰.

A defesa de Placeus se baseia no estado de pecado da raça que se fundamenta num ato somente natural de relação e não *forense*, ou seja, legal.

A concepção reformada de transmissão ou imputação parte do pressuposto da dupla relação de Adão com seus descendentes: A natural e a legal ou Pactual. Este

⁵⁷ AGOSTINHO. **A cidade de Deus: contra os pagãos**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1990. Vol. 2, p. 149.

⁵⁸ Josué De La Place, Placeus, teólogo e pastor francês, viveu entre os anos de 1596 e 1633. Foi um grande moderador da doutrina calvinista, enfatizando os aspectos éticos e elementos comuns humanos.

⁵⁹ ANGLADA, Op. Cit., 1997, p. 50.

⁶⁰ HOEKEMA, Op. Cit., 1999, p.175-176.

pressuposto dará sustentação para a formulação da doutrina reformada. E dentro do pensamento reformado será vista a doutrina da universalidade e a relação de Adão com a raça, que enfatizará a questão natural e legal da queda.

3.3.1 A universalidade do pecado

Quanto à natureza do pecado no homem há muita divergência, porém quanto à presença ou realidade do “mal” no coração do homem, quase não há significativa negação, até porque a universalidade do pecado é fato que está presente na vida do homem.

A história das religiões comprova e dá testemunho do pecado no homem, bem como as religiões pagãs revelam uma consciência universal do “mal” e a necessidade de reconciliação com um ser supremo. Mesmo nos povos nativos mais remotos existe um clamor universal da consciência dando testemunho do fato de que o homem carece de um ideal e que está condenado à vista de algum poder mais alto. É observado também, através dos sacrifícios oferecidos a entidades, animais sagrados, postes ídolos e outros, uma submissão de um ser imperfeito a um ser perfeito e superior àquele. Submissão que pede lavagem interior purificação da alma, ou seja, idéia de que houve algum tipo de erro ou quebra de uma ordem dada pelo “ser superior”.

Em contrapartida, algumas filosofias e religiões orientais descartam a possibilidade de existência do mal. Consideram toda espécie de mal e pecado uma ilusão da mente humana. Nesta perspectiva, declarar que o homem pecador é incorrer e um dos maiores males da humanidade, pois o pecado não existe e é irreal.

Porém, todos os filósofos, desde os mais antigos (gregos), foram constrangidos a reconhecer a universalidade do pecado também na vida do homem. A questão em si seria o mal e não o pecado propriamente dito. Mas nenhum argumento foi capaz de desconsiderar a presença do pecado e do mal no mundo e no homem. Porém, a Bíblia dá à universalidade do pecado respaldo suficiente para tal comprovação, assim como diz o apóstolo Paulo:

Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma, pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus, como gregos estão debaixo do pecado, como esta escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem

busque a Deus, todos se extraviaram, a uma se fizeram inúteis, não há quem faça bem, não há nem sequer um ⁶¹.

A Bíblia atesta taxativamente a realidade do pecado no homem e nada, em argumentação e filosofia, pode desconsiderar este fato real, porque tal intenção atentaria contra a verdade de Deus, como explica 1 João 1. 8,10: “se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos enganamos, e a verdade não está em nós [...] Se dissermos que não temos cometido pecado fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós”.

Resumindo, o pecado é um fato do qual participam todos os homens e que os faz culpados diante de Deus. Não há como não pecar e nem se considerar absolvido, por si só, perante Deus. Desde que Adão caiu o homem se tornou pecador e morto para Deus.

3.3.2 A relação de Adão com a raça

Como já foi observado, existem teorias que negam completamente a relação de Adão com a raça humana, afirmando que o pecado de Adão foi só para ele mesmo e que não contaminou ou transmitiu à raça; Adão foi no máximo é um mau exemplo que pode ser imitado pelo homem. Outras teorias, no entanto, admitem a relação de Adão com a raça, como é defendido pela Teoria Realista, que afirma que a humanidade estava em Adão quando este pecou. A teoria defendida por Placeus também considera a transmissão, mas afirma que o homem não nasceu corrupto porque é culpado em Adão, mas é considerado culpado porque é corrupto. Todas essas teorias, na verdade, não acham argumentação bíblica suficiente para tais afirmações.

A teologia reformada, no entanto, defende a transmissão do pecado de Adão para a raça. Os reformados consideram o pecado aos pósteros como imputação imediata e direta, e não mediada como ensina a imputação mediata. Este ponto de vista foi defendido pelos mais renomados teólogos reformados, como Luis Berkhof, Hermann Bavinck, Anthony Hoekema e outros.

⁶¹ Cf. Romanos 3.9-12

O pressuposto usado para a formulação da doutrina da imputação imediata ou direta situa-se em um duplo relacionamento de Adão para com os seus descendentes: Adão é tanto a cabeça natural, como o representante federal dos homens.

Na relação natural, Adão foi o pai de toda a humanidade, que passa a descender dele, herdando corrupção por causa da queda. Anglada clareia a relação natural de Adão, dizendo que:

Do ponto de vista natural, na condição de primeiro homem criado, Adão é o pai de toda a raça humana. Todos descendemos dele e todos herdamos a sua natureza corrompida em virtude da queda. Todo ser humano já nasce com uma natureza pecaminosa, inclinado para o mal, com a *imago Dei* corrompida. Herdamos naturalmente esta condição dos nossos primeiros pais⁶².

Todavia, não se pode considerar somente esta relação natural, mas também uma relação de representatividade, ou seja, uma relação legal de Adão com a raça. Adão é o representante legal da humanidade, por causa do pacto estabelecido por Deus no Éden. Deus ordenou que nessa aliança Adão não estaria só, nem agiria por si próprio, mas como o representante de todos os seus descendentes. Consequentemente, ele foi o chefe da raça, não somente em um sentido paterno, mas também em um sentido federal. Ou seja, o pecado foi herdado naturalmente, e a culpa imputada legalmente à raça humana.

A palavra imputação vem do grego *Logizomai*, e deriva de com uma linguagem jurídica, ou seja, forense, dentro de um conceito legal de benção ou maldição, de recompensa ou punição. O termo, em si, denota a idéia de “declarar alguém”, “considerar”, e “atribuir algo” dentro do aspecto judicial: maléfico ou benéfico, condenado ou justificado. No caso de Adão, a culpa foi imputada a toda a raça humana, foi a raça imediatamente considerada culpada por causa da transgressão dele no Éden. A confissão de Fe de Westminster, que é a base da doutrina reformada, vem esclarecer e dar seu parecer final sobre a imputação, afirmando que:

Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi imputado a seus filhos, e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária. Desta corrupção original pela qual ficamos totalmente indispostos,

⁶² ANGLADA, Op. Cit., 1997, p. 50.

adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal, e que procedem todas as transgressões atuais ⁶³.

O texto básico em que a confissão de fé tem buscado apoio é exatamente Romanos 5.12-21, que evidencia a doutrina reformada da imputação. Sobre isso, Anglada afirma que a ênfase da imputação adâmica serviu para evidenciar a justificação cristológica.

Pois bem, é exatamente para tornar esta doutrina mais evidente que o apóstolo se refere ao caso análogo da condenação da raça humana por causa do pecado de Adão. E explica que o pecado de Adão é a base judicial da condenação de toda a humanidade, nele legalmente representada. Isto torna Adão um tipo de Cristo, daí Cristo ser chamado de segundo Adão, o segundo representante legal do povo de Deus ⁶⁴.

A realidade humana mostrada em Romanos 5 é evidente, pois através da transgressão de Adão lhe foi imputada culpa do pecado. Porém, é claro que através da morte de Cristo foi ao homem imputada justiça.

3.4 RESULTADOS DO PECADO

O que foi considerado até então foi a origem, a natureza e a transmissão (imputação) do pecado na vida do homem em Adão. E a partir de agora serão observados os resultados do pecado na vida do ser humano, ou seja, quais as características que influenciam o homem em estado de pecado? De forma superficial, elementos como: depravação, corrupção e morte já foram observados e precisam, a partir de agora, de destaque.

Deve-se observar, antes de tudo, a questão da *Imago Dei* ⁶⁵. O homem foi criado com uma imagem original, ou seja, com uma imagem e semelhança que refletia o caráter do criador. Esta imagem fez o homem capaz de ser obediente e refletir o Deus sem pecado. No entanto, após a queda, a imagem de Deus no homem, por causa do pecado, foi seriamente corrompida. Ou seja, a consequência do pecado de Adão foi a desfiguração da imagem de Deus, afetando toda a sua natureza humana. E, como resultado, a queda trouxe à humanidade, além deformidade do estado de retidão, um estado de miséria e depravação moral.

⁶³ Confissão de fé de Westminster. Op. Cit., Capítulo VI, Seções 3 e 4.

⁶⁴ ANGLADA, Op. Cit., 1997, p. 54.

⁶⁵ Forma latina para Imagem de Deus.

3.4.1 Corrupção e sofrimentos

O homem, no estado de pecado, ficou completamente marcado, também, pela corrupção do corpo. Corrupção que se evidencia nas acentuações das limitações físicas e mentais do ser humano, vindo a se consumir na morte física.

O pecado produziu distúrbios em todos os aspectos da vida do homem. Sua vida física caiu presa de fraquezas e doenças, que redundaram em desconfortos, e, muitas vezes, em agonias. Sua vida mental ficou, pelo pecado, sujeita a perturbações angustiantes, que muitas vezes o privam da alegria de viver, desqualificam-no para o seu labor diário e, por vezes, destroem por completo o seu equilíbrio mental. O pecado teve, também, a capacidade vil de marcar a natureza humana, imprimindo mais limitações, que já eram normais, para um ser humano, e mesmo ao mais sadio dos homens.

Como incapacidade física, também é notadas as enfermidades, que limitam ainda mais o homem, sendo a humanidade sujeita a vírus, bactérias e deformações diversas no seu corpo, levando-o à morte física. Morte, que é a separação de corpo e alma, como afirma Genesis 3.19: “Tu és pó e ao pó tornarás”.

3.4.2 Depravação moral

A queda de Adão provocou também no homem a depravação moral, ou seja, por causa da queda, o homem ficou totalmente inabilitado espiritualmente. Não pode, por si mesmo, fazer nada para mudar o seu estado de pecado. É o que é denominado como o primeiro ponto do Calvinismo: Depravação total, que Berkhof defende assim:

Positivamente, a expressão “depravação total” indica: que a corrupção inerente abrange todas as partes da natureza do homem, todas as faculdades e poderes da alma e do corpo, e que absolutamente não há no pecador bem espiritual algum, isto é, bem com relação a Deus, mas somente perversão ⁶⁶.

Sobre a corrupção das faculdades (intelecto, vontade e sentimentos) do homem em termos de incapacidade, diz Berkhof:

⁶⁶ BERKHOF, Op. Cit., 1990, p. 248.

Que o pecador não regenerado não pode praticar nenhum ato, por significativo que seja, que fundamentalmente obtenha a aprovação de Deus, e corresponda as exigências da Santa lei de Deus; e que ele não pode mudar a sua preferência fundamental pelo pecado e por si mesmo, trocando-a pelo amor a Deus, não pode sequer fazer algo que se aproxime de tal mudança. Em uma palavra, ele é incapaz de fazer qualquer bem espiritual ⁶⁷.

O homem natural ou não regenerado prefere somente as trevas, ou seja, as atitudes pecaminosas estão ligadas a ele e a sua vontade. Assim como a ferrugem está para o ferro, assim o pecado está para o homem. E esta relação se dará até o fim de sua vida, porque o homem se tornou um agente ativo na oposição a Deus.

Com relação a isto, Anglada em *Calvinismo: as antigas doutrinas da graça* diz:

O homem em estado de pecado é um militante, e ativo na prática do mal e na oposição a Deus. O homem decididamente não quer ir a Cristo para ter a vida. Esta é a deliberação da sua vontade. Para o bem ela é inativa, mas para o mal é ativíssima [...] Para o bem espiritual, o homem está morto nos seus delitos e pecados; para o mal, entretanto, ele está bem vivo, ativo e militante, não somente praticando, como aprovando os que assim praticam ⁶⁸.

As atitudes generalizadas do homem para o pecado são consequências do primeiro pecado que fez do homem escravo do próprio pecado, pois “todo o que comete pecado é escravo do pecado” ⁶⁹. Passando a andar “... segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito... segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos” ⁷⁰.

3.4.3 Morte Eterna

O desfecho da historia humana se dará na consumação da morte espiritual e no clímax da depravação moral do homem, chamada de morte eterna. Não se entende morte como aniquilação ou sono eterno, mas peso total da ira de Deus sobre os condenados, e isto significa morte no sentido mais terrível da palavra.

⁶⁷ Ibid, p. 249

⁶⁸ ANGLADA, Paulo. *Calvinismo: As antigas doutrinas da graça*. São Paulo. Os Puritanos. 2000, p. 25-26.

⁶⁹ Cf. João 8.34

⁷⁰ Cf Efésios 2.1,2

Os sofrimentos, a dor, as angústias, os remorsos sem fim acompanharão o ímpio neste estado de morte eterna, mesmo que queira fugir, jamais conseguirá. Anglada diz sobre isto assim:

O que marca este estado é a impossibilidade de sair dele. Podemos imaginar um estado mais terrível do que todo e qualquer sofrimento, dor e angústia que possa acometer o homem nesta vida? E isto sem nenhum consolo ou alívio, e pior, sem nenhuma possibilidade de escapar dele? ⁷¹

Quem pensou que Deus deixaria que o pecado entrasse no mundo e ficasse como está? Não. Em ato de justiça, Deus deve executar sua sentença condenatória e lançar em cadeias eternas todos os ímpios por causa de seus pecados atuais e principalmente o pecado original. Ao contrário, os justos em Cristo Jesus viverão em conforto e deleite eterno, ao lado do pai celeste.

⁷¹ ANGLADA, Op. Cit., 1997, p.57.

4. DOUTRINA DO PECADO ORIGINAL NA CONTEMPORANEIDADE

O propósito da narrativa do pecado original na história (do período da patrística até a pós-modernidade) é conhecer e entender o que os principais pensadores e teólogos falaram a respeito da doutrina. O objetivo, também, é observar como as mais diferentes concepções influenciaram a igreja ao longo da história e na atualidade.

Os principais destaques históricos revelaram, desde uma veemente negação da doutrina do pecado original até a um entendimento de realidade e imputação do pecado na realidade existencial dos indivíduos. Neste sentido, todos os teólogos procuraram, sem dúvidas, apresentar uma solução bíblica e até filosófica para explicar a relação de Adão com a humanidade.

No entanto, muitas afirmações trouxeram uma descaracterização da doutrina do pecado de Adão. Tais afirmações, ou afrouxaram o conceito, minimizando e enfraquecendo o perigo e as consequências do pecado no homem, ou atenuaram, erradamente, o pensamento acerca da hamartologia⁷².

Outra percepção notada sobre os diversos pontos de vistas acerca da doutrina do pecado original foram as dificuldades teológicas relacionadas às doutrinas que são consideradas basilares para a fé cristã, que derivam ou tem uma relação de dependência com o pecado original. Por exemplo, como entender corretamente a doutrina da justificação sem a percepção correta do pecado original. Cristo faria justiça a quem? Por quais motivos morreria Ele na cruz? Um justo morreria por outro justo, que não necessitaria de justiça? Como compreender a santificação corretamente? A quem Deus pediria santidade, visto que não se acha ninguém em falta com Deus? Viver em santidade é viver separado do que?

⁷² Estudo ou doutrina bíblica do pecado

Quanto a uma desqualificação da doutrina do pecado, o que se vê atualmente é uma incoerência em relação com os princípios e doutrinas elementares da Escritura Sagrada. Não se ouve falar de Salvação pela graça, fidelidade e piedade, justiça divina, santidade e muito menos pecado na vida do homem. Deve ser levado em conta que o pecado sempre levou o homem a tragédias, discórdias, catástrofes e guerras; e hoje não tem sido pauta dos postulados e das discussões teológicas.

Por isso, basicamente o que se abordará neste capítulo será a relação da integridade da doutrina do pecado original com a forma moderna de descaracterizar a doutrina, com o conceito bíblico de pecado, e com a relação inseparável com as doutrinas bíblicas da fé cristã.

4.1 A (DES)CARACTERIZAÇÃO DO SIGNIFICADO DO PECADO ORIGINAL

O termo pecado original não existe na bíblia. O termo aparece pela primeira vez nos escritos de Agostinho, em seu livro *Confissões*⁷³. Sua análise deriva de suas experiências antes e depois de sua conversão. Mas é em sua teologia que o pecado original ganha destaque com as terríveis consequências na vida de toda a humanidade, oriundas do pecado do primeiro homem, Adão.

Na época de Agostinho a doutrina do pecado original se destacou e ganhou grande consideração, mesmo havendo uma negação por parte de teólogos renomados, como era o caso de Pelágio. No entanto, a negação por parte do teólogo britânico, do pecado original foi a seguinte: “Adão foi criado neutro: nem bom nem mal. O homem hoje nasce na mesma condição. Não existe pecado original; não existe transmissão de culpa, como também de corrupção, desde Adão até nós”⁷⁴. E com este pensamento, Pelágio estava grandemente preocupado com a manutenção da *Imago Dei* no homem, bem como, do livre-arbítrio.

Depois do pelagianismo, outro movimento chamado Arminianismo ganhou grande proeminência, e tornou-se popular por sua teoria sinergista da salvação. Os seguidores

⁷³ AGOSTINHO. **Confissões**. Lisboa: IN CM, 2001. 4 vls

⁷⁴ HOEKEMA, Op. Cit., 1999, p. 173.

do teólogo Jacob Armínio desenvolveram uma doutrina que amenizava as consequências do pecado original na vida dos descendentes de Adão. Tal concepção assegurava ao homem o status de capacidade plena diante de Deus. Ou seja, o homem não teria caído totalmente do estado em que foi criado por Deus, tendo a capacidade de buscar a Deus por sua livre vontade. Duane E. Spencer, em seu livro *TULIP: Os cinco pontos do calvinismo à luz da Escrituras*, apresenta o posicionamento dos seguidores de Armínio da seguinte forma:

Para o arminianismo, depravação do homem, como resultado da queda, não é total, porém parcial. O homem não perdeu a faculdade de autodeterminação (em relação a Deus), nem perdeu a capacidade de “querer livremente” aquilo que é bom aos olhos de Deus. O homem é o autor do próprio arrependimento e da fé para a salvação, uma vez que a vontade do homem, segundo o ponto de vista de Arminius, é uma das causas de sua regeneração, isso se o homem desejar “livremente” cooperar com o Espírito Santo.⁷⁵

A significativa descaracterização do significado do pecado no argumento de Armínio e de seus seguidores deixou marcas para as igrejas e pensadores dos séculos seguintes. Tais afirmações arminianas levam a considerar que a queda de Adão nada produziu de tão trágico na raça humana. Ou seja, de acordo com este ponto de vista, existem no homem qualidades suficientes que o direcionam para Deus. O homem não está totalmente morto, Restou-lhe bem suficiente para escolher a Deus, através do livre arbítrio. Portanto, a posição arminiana não leva em consideração os efeitos evidentes, já citados em capítulos anteriores, do pecado de Adão na raça humana.

Para saber o posicionamento de muitos dos teólogos contemporâneos é necessário observar primeiramente um dos renomados pregadores do início do século XIX, um advogado chamado Charles Finney, que veio a influenciar os pregadores atuais, e que segundo os seus admiradores, *ganhou* (grifo nosso) para Cristo meio milhão de pessoas com suas pregações. Finney afirmou, em uma das suas mensagens, que “Falar de natureza pecaminosa...é atribuir pecaminosidade ao Criador, que é o autor da natureza”⁷⁶. E sobre o pecado original, Jepson afirma que Finney não o considerava um fato. Suas palavras são:

Finney não valorizava muito essa doutrina do pecado original. Aliás, ele era bem contrário a ela. Um motivo era que ela não acreditava que a Bíblia ensina realmente

⁷⁵ SPENCER, Duane Edward. *TULIP: Os cinco pontos do calvinismo à luz das escrituras*. 2. ed. Tr. Sabatini Lalli. São Paulo: Parakletos, 2000, p. 116.

⁷⁶ JEPSON, J. W. *Finney: Tudo se resume no amor*. Belo Horizonte: Betânia, 1984, p. 138.

que todos nós nascemos com uma natureza pecaminosa, ou com uma disposição natural para o pecado em si. Além disso, ele cria que a idéia de que todos herdamos o pecado original de Adão implica num conceito errado de pecado. O pecado é uma decisão pessoal, e não uma substância. É uma questão moral, não física ou metafísica. É uma decisão pela qual cada um de nós, pessoal e individualmente, é responsável. Não se trata de acidente ou infortúnio que nos sobreveio, mas um crime que cometemos e pelo qual somos responsáveis ⁷⁷.

Finney apresentava, em seus Sermões, a idéia de que no homem a depravação moral é a depravação do livre arbítrio, não da faculdade em si mesma, mas de sua livre ação. E, sendo assim, no homem o pecado não era empecilho para que escolhesse a Jesus como seu salvador. Ele afirmava que “o homem tem que fazer alguma coisa e não esperar passivamente que Deus o transforme... pode arrepender-se de seus pecados e receber a Jesus Cristo como salvador e Senhor”⁷⁸.

Na primeira metade do século XX, outro movimento também destacou-se por descaracterizar o pecado original. Os pós-modernistas (Karl Barth, Emil Brunner, Rudolf Bultman e Paul Tillich) afirmaram categoricamente que o primeiro homem tem seu lugar na mitologia bíblica e não na história. Ou seja, Adão não existiu, pois não tem existência comprovada historicamente.

Neste sentido, ao declararem que a existência de Adão pertence à novela (saga) para a vida real, entende-se que a inexistência de Adão, torna o pecado original também inexistente. Logo, não existindo pecado original, não há imputação de pecado e nem tão pouco depravação e culpa que tenham vindo de um único homem.

Outra corrente, que, a partir da metade do século XX se destacou por descaracterizar a doutrina bíblica do pecado original, foi a naturalista ou evolucionista. Os principais pensadores deste movimento, contra o pecado original, surgiram dentro do seguimento católico. Eles se destacaram por declarar que não havia lugar para o pecado original no pensamento moderno, exatamente porque a história da queda de Adão trás incoerência com a teoria da evolução do mundo e dos homens.

⁷⁷ Ibid, p. 137.

⁷⁸ Ibid, p. 10.

Os teólogos evolucionistas igualaram-se ao pensamento pós-moderno do mito do relato da criação e da queda do primeiro homem Adão. Todavia, estes teólogos não negaram a realidade do pecado no mundo e na vida do homem, bem como entendiam que uma natureza humana pecadora sempre existiu. Karl Barth, por exemplo, compreendia que o homem fora criado com tendências para o pecado.

A doutrina do pecado nos argumentos dos teólogos do passado e de contemporâneos, claramente perdeu características elementares, porque se vislumbrou por caminhos humanistas e naturalistas, e com isso descaracterizaram o pecado do seu real significado.

Contrariando todas essas idéias, que desconsideram o pecado como fato que pode muito bem levar o homem para o inferno, Spurgeon, no seu sermão *A necessidade da obra do Espírito*, mostra a situação do homem por causa do pecado dizendo:

Mas as Escrituras não dizem apenas que o homem está morto em pecado; afirmam algo pior que isso: que ele, por natureza, é absoluta e totalmente contrário a tudo que seja bom e reto. “Portanto a intenção da carne e inimizada contra Deus, pois não é sujeita a lei de Deus, nem em verdade o pode ser” Rm. 8. 7. Folheemos as páginas da Bíblia e continuamente é repetido que a vontade do homem é contrária às coisas de Deus. Que disse Cristo naquele texto tão frequentemente citado pelos arminianos para negar a doutrina que tão claramente afirma? Que disse Ele aos que imaginavam ser possível ao homem vir a Ele sem a influência divina? Primeiramente afirmou: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer”. Entretanto, disse algo ainda mais enfático: “E não quereis vir a mim para terdes vida”. O homem não quer vir. Aqui se encontra a coisa fatal; não é apenas que o homem se encontra sem forças para fazer o bem, e sim que é suficientemente poderoso para fazer o mal, de modo que a sua vontade está perversamente disposta a ir contra tudo que é reto. Vá, arminianos, e diga a seus ouvintes que eles podem vir a Cristo, se assim o desejam, mas saiba que o seu Redentor o observa face a face e lhe diz que você esta proferindo uma mentira! Os homens não querem vir. Nunca virão por si mesmos. Ninguém pode induzi-los a vir, nem mesmo forçá-los a vir com todas as suas ameaças, nem seduzi-los com todos os seus convites. Eles não querem vir a Cristo para terem vida. Até que o Espírito os traga, não quererão vir, nem poderão vir⁷⁹.

É verdade que a doutrina bíblica do pecado original perdeu sua força no meio cristão de hoje. Mas, isso não a invalida. Ninguém pode, por mais que tente, desconsiderar a realidade do pecado na vida do homem. O pecado, desde Adão, foi e sempre será pecado, ou seja, transgressão contra a lei e vontade de Deus.

⁷⁹ SPURGEON, Charles. **Sermões do ano do avivamento**. São Paulo: PES, 1994, p. 65.

4.2 A RELAÇÃO DO PECADO ORIGINAL COM AS DOUTRINAS ELEMENTARES DA FÉ CRISTÃ

Descaracterizar algo, além de desqualificar o conceito, significa “desmontar” os conceitos sobre os quais estão fundamentados uma série de outros conceitos que demandam ou estão intrinsecamente relacionados. Este fato pode ser comparado com uma grande peça “chave” de uma grande engrenagem que é capaz de movimentar todo o conjunto de outras peças menores ou do mesmo tamanho. Uma vez emperrando a peça “chave”, as demais peças que dependem daquela, não movimentarão porque necessitam de impulso desta grande peça.

Assim também, está acontecendo com o pecado original. Uma série de doutrinas elementares para a fé cristã estão perdendo o sentido bíblico-teológico por causa da considerável descaracterização que a doutrina bíblica do pecado original vem sofrendo. As constantes argumentações contra a queda no Jardim do Éden vêm gerando conflitos e distorções em relação a essas doutrinas elementares.

No entanto, é principalmente nos últimos dias que a crescente relativização das doutrinas bíblicas, tendo por base a descaracterização da doutrina do pecado original, vem tomando lugar e desvirtuando os valores cristãos na sociedade pós-moderna. A grande questão a ser observada aqui é como as doutrinas da regeneração, conversão, arrependimento, justificação e santificação poderão ser compreendidas sem o real entendimento do pecado no homem.

4.2.1 A regeneração e o pecado original

Não se buscará aqui profundidade nos conceitos e nas características. O propósito da análise de algumas doutrinas que têm relação com o pecado original, é apenas no sentido de buscar os pontos de convergência entre as doutrinas e as consequências causadas pela descaracterização da doutrina do pecado original.

A bíblia fala de regeneração, tanto no Antigo como no Novo Testamento. No Antigo Testamento, alguns textos podem ser tomados por inferência, os quais, de certa forma, aplicam a proposta da regeneração de Deus no homem. O profeta Ezequiel, em seu livro,

ilustra a regeneração dizendo: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne”⁸⁰. Em Deuteronômio 30.6, Deus mostra a renovação ou o renascimento do seu povo: “O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas”.

Os textos principais que tratam da regeneração no povo de Deus no passado, mostram Deus estabelecendo um pacto ou uma aliança com seu povo. O propósito era trazer de volta seu povo afastado que estava espiritualmente morto. No livro do profeta Oséias, Deus convoca o seu povo, que preferiu outros deuses e se esqueceu da aliança do Senhor Deus de Israel, ao arrependimento e a uma nova vida. E a resposta do povo em Oséias 6.2 foi: “depois de dois dias nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante de dele”.

No Novo Testamento, encontram-se as declarações mais claras e que evidenciam a realidade e a grande necessidade de novo nascimento no homem. No entanto, é nos textos do evangelho de João que a doutrina da regeneração ganhou destaque. João diz: “os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”⁸¹. E em João 3.5-7, também afirma: “Respondeu Jesus: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo”.

No entanto, ao relacionar a regeneração com o pecado original percebe-se que uma não sobrevive sem a outra. Então, como compreender alguém morto em pecado tornando à vida, sem aceitar a realidade que tal morte foi ocasionada por um único pecado que veio destruir a toda humanidade? Por que, Se não existe pecado não existe morte (espiritual), logo não haverá necessidade de renascimento ou de nova vida.

Anthony Hoekema, em seu livro *Salvos pela Graça*, ao expor a idéia bíblica de regeneração afirma contundentemente a relação inseparável das doutrinas.

Tem-se dito frequentemente que a soteriologia que alguém professa é determinada pela sua doutrina do ser humano. Isso é ainda mais verdadeiro em relação a regeneração. Nosso entendimento de regeneração depende da nossa concepção de

⁸⁰ Cf. Ezequiel 36.26

⁸¹ Cf. João 1.13

depravação humana. Se os seres humanos hoje não forem depravados, regeneração ou nova vida espiritual não será realmente necessária⁸².

A queda de Adão no Éden vem mostrar que o pecado original trouxe marcas irreparáveis ao homem. E uma dessas marcas foi a morte espiritual, que é a condição de separação e falta de comunhão de Deus com o homem por causa do pecado. E a regeneração vai destacar que, no momento de sua ocorrência, o pecador morto é feito espiritualmente vivo. E, neste sentido, o apóstolo Paulo apresenta o resultado da atitude do primeiro homem, e a consequência e benção do segundo Adão: “Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo”⁸³.

4.2.2 A conversão e o pecado original

A primeira questão que precisa ser entendida aqui é que a regeneração conduz o homem a conversão, ou seja, ao arrependimento e à fé. A regeneração é o ato inicial de Deus no homem espiritualmente morto. A conversão, no entanto, é a clara evidencia externa da regeneração no homem pecador. A conversão pode ser entendida como “ato consciente de uma pessoa regenerada, no qual ela volta-se para Deus em arrependimento e fé. Isso envolve um desvio duplo: para longe do pecado e na direção do serviço de Deus”⁸⁴.

No Antigo Testamento, dentre tantos textos que evidenciam as conversões, observa-se o texto de Ezequiel 33.11, que diz: “Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?”. E, no Novo Testamento, destaca-se o texto do apóstolo Paulo aos Romanos 10.9: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”.

Os textos citados mostram a necessidade da humanidade pecadora em voltar-se para Deus. A orientação bíblica para a conversão é mudança radical dos maus caminhos, que são originados por um ser humano depravado e caído, descendente de Adão, para os caminhos

⁸² HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela graça**. Tr. Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 100.

⁸³ Cf. Romanos 5.17

⁸⁴ HOEKEMA, Op. Cit., 2002, p. 117.

de Deus. Ou seja, a conversão implicar na saída da estrada da morte para entrada no celeste caminho que conduz à vida.

Por isso, não haverá possibilidade de conversão no homem sem a clareza do entendimento do pecado original. Pois, o homem, ao olhar para a possibilidade de mudanças em sua vida, questionará: mudanças de quê? Nova vida ou novos caminhos? Porque sem a possibilidade de pecado não haverá necessidade de mudanças ou de nova vida. Hoekema, citando Herman Bavink, mostra a relação do pecado original com a conversão:

A conversão pode ser definida como o ato consciente de uma pessoa regenerada, no qual ela volta-se para Deus em arrependimento e fé. Isso envolve um duplo desvio: para longe do pecado e na direção de Deus. Em seu sentido mais rico, a conversão inclui os seguintes elementos: iluminação da mente, pelo qual o pecado é conhecido como ele é na realidade, um comportamento que desagrada a Deus; autêntica tristeza pelo pecado, não apenas remorso por causa dos seus resultados amargos; humilde confissão do pecado, tanto para com Deus como em relação aos outros...⁸⁵

A conversão no homem é um aspecto necessário para a obtenção da nova vida sem a prática do pecado. É uma ação de Deus, que proporciona uma grande revolução no ser do indivíduo. Mas, a conversão consiste, principalmente, na convicção de uma vida transformada que tem profunda tristeza pela prática do pecado e uma grande alegria em saber que seus caminhos serão conduzidos por Deus, por meio de seu Espírito Santo, à vida eterna.

4.2.3 O arrependimento e o pecado original

O chamado à conversão é um chamado ao arrependimento, ou seja, à uma verdadeira tristeza por se reconhecer que é pecador. As palavras de Jesus e de seus proponentes, como João Batista, para uma conversão, sempre foram um chamado ao arrependimento. Ou seja, não existe mensagem do evangelho exigindo conversão, sem um chamado autêntico a uma tristeza pelo reconhecimento do pecado.

O arrependimento na bíblia, inicialmente no Antigo Testamento, significa, na palavra *nincham*, arrepender-se de erros em relação a Deus. O termo é empregado em textos como Jeremias 31:19, onde descreve também a tristeza pelo pecado. O termo *shubh* é usual

⁸⁵ BAVINCK, *Apud*, Ibid, 2002, p. 117-118

para descrever uma mudança de direção do caminho errado para o caminho certo. Ou seja, abandonar os caminhos de maldade, iniquidade, pecado e voltar-se unicamente para Deus.

No Novo Testamento, a palavra *metanoia* aparece como um afastamento das obras más (pecado) e tomada de uma nova direção rumo a Deus. Outra forma de arrependimento, no termo *epistrepho*, remete à idéia de dar meia-volta. Portanto, significa o abandono do pecado para voltar-se para Deus. “*epistrepho* descreve uma mudança total no comportamento, uma reversão no estilo de vida, uma volta completa. Negativamente, a palavra significa apartar-se das perversidades, do caminho errado...”⁸⁶.

O arrependimento precisa compreender o homem como um todo, ou seja, deve haver uma combinação de três elementos que compõe o homem, para voltar-se para Deus e para abandonar o pecado. Os aspectos do arrependimento devem compreender o intelecto, a emoção e a volição. O aspecto intelectual inclui uma mudança de conceito, ou seja, um reconhecimento que o pecado, além de culpa pessoal, é transgressão à lei de Deus, diante da majestade e santidade do Senhor. Além disso, o arrependimento envolve o emocional, ou seja, uma mudança de sentimento. O homem arrependido expressará tristeza por causa do pecado, “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte”⁸⁷. E por fim, o arrependimento implica em decisão. O aspecto volitivo provocará mudança de propósito, ou seja, uma vez regenerado, o homem sentirá ódio e repúdio pelo pecado e um desejo ardente em direção a Deus. Talvez o melhor exemplo bíblico de arrependimento envolvendo os três aspectos, está na parábola do filho pródigo. Ele reconheceu (intelecto) que estava errado, lembrou-se de seu pai (emocional) e levantou-se (volição) e foi para sua casa.

4.2.4 A justificação e o pecado original

Ao falar de justificação do homem através de Cristo, levanta-se algumas perguntas: “por que os homens precisam de justificação?”, “o homem, ao ser justificado, é justificado de que?”, ou ainda, “Qual a relação que a justificação tem com o pecado?”. Todas estas perguntas podem ser muito bem respondidas a medida que se tem a compreensão bíblica do resultado do pecado de Adão no homem. Quando este homem perceber a dimensão e a

⁸⁶ Ibid., 2002, p. 130.

⁸⁷ Cf. 2 Coríntios 7.10

gravidade do pecado na vida da humanidade, entenderá e vislumbrará o propósito de Cristo em morrer pelos pecados de pecadores merecedores de punição eterna.

O pecado original fez do representante da humanidade pecador e criatura depravada. O pecado de Adão se tornou o pecado de toda a humanidade também, visto que todos os homens estavam em Adão. Neste sentido, assim como a sua rebeldia e transgressão, imputou à posteridade a mesma condição depravada em que agora jaz. A justificação declara os depravados e culpados justos, porque a morte de Cristo imputou, também, justiça a todos os que crêem.

Justificação é declarar judicialmente que alguém está em harmonia com a lei. Tanto no Antigo como no Novo Testamento os termos *tsadaq* (hebraico) e *dikaioo* (grego) são usados no sentido forense ou legal, declarando o pecador culpado como justo diante de Deus. Assim, a justificação poderá ser definida como “ato gracioso e judicial, pelo qual ele (Deus) declara justos pecadores crentes, na base da justiça de Cristo que lhe é creditada, perdendo seus pecados, adotando-os como filhos dando-lhes direto à vida eterna”⁸⁸.

E qual a relação da justificação com o pecado original? Somente se entenderá tal relação retornando a primeira pergunta: por que os homens precisam de justificação? Hoekema esclarece esta indagação assim:

Sem Cristo, nossa relação judicial com Deus é de condenação – permanecemos condenados por causa dos nossos pecados, tanto o original quanto os atuais. Quando somos justificados, nosso relacionamento judicial é mudado da condenação para absolvição; o lado negativo é que a mudança judicial é remissão ou perdão dos pecados.⁸⁹

A justificação tem relação com a satisfação e obediência. O primeiro Adão foi desobediente e trouxe o pecado. O segundo Adão foi “...obediente até a morte e morte de cruz”⁹⁰, satisfazendo plenamente a lei de Deus, trouxe vida abundante aos homens perdidos. Quanto a isso a confissão de fé de Westminster declara:

Cristo, pela sua obediência e morte, pagou plenamente a dívida de todos os que são justificados, e, em lugar deles, fez a seu Pai uma satisfação própria, real e plena.

⁸⁸ HOEKEMA, Op. Cit., 2002, p.172.

⁸⁹ Ibid, 2002, p.178.

⁹⁰ Cf. Filipenses 2.8

Contudo, como Cristo foi pelo Pai dado em favor deles e como a obediência e satisfação dele foram aceitas em lugar deles, ambas livremente e não por qualquer coisa neles existente, a justificação deles é só da livre graça, a fim de que tanto a justiça restrita como a abundante graça de Deus sejam glorificadas na justificação dos pecadores.⁹¹

Para autenticar a justificação, Jesus Cristo precisou sofrer as penalidades do pecado de Adão e por todos os pecados que seus eleitos cometeram e ainda cometem. Além disso, o segundo Adão viveu e procedeu em obediência perfeita, que o primeiro Adão deveria ter vivido, mas não conseguiu.

4.2.5 A santificação e o pecado original

A palavra *santificar* expressada no termo *qadosh* (hebraico) e a palavra santo no termo *hagios* (grego), trazem um significado semelhante a separação. Separação do pecado e das coisas que abominam a Deus e dedicação (consagração) plena ao seu serviço. Na relação com o pecado original, a santificação representa aquele estado original em que o homem foi criado por Deus. Porém, por causa do pecado a imagem criada por Deus foi pervertida.

A santificação, como parte integrante da salvação para o homem, tem o propósito de renovar e restaurar a imagem de Deus, que foi deturpada através do pecado de Adão. A santificação deve ser entendida como “... a graciosa e contínua operação do Espírito Santo pela qual Ele liberta o pecador justificado da corrupção do pecado, renova toda a sua natureza à imagem de Deus, e o capacita a praticar boas obras”⁹².

O pecado manchou, maculou, sujou e depravou toda a raça humana. A bíblia define o estado do homem em Adão como imundícia: “mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia...”⁹³. A santidade visa tornar limpo o imundo, removendo suas sujeiras da alma.

A poluição aqui evidenciada é a corrupção da natureza humana como resultado do pecado original, que por sua vez provoca mais pecados ainda. Hoekema mostra que todos os

⁹¹ **Confissão de fé de Westminster.** Op. Cit., Capítulo XI, Seções 3.

⁹² BERKHOF, Op.Cit., 1990, p. 536

⁹³ Cf. Isaías 64.6

homens nascem em pecado e estão num estado de corrupção em decorrência da queda. E a santificação veio remover constantemente a poluição do pecado entranhada no homem, além de renovar a natureza humana caída ⁹⁴.

A relação da santidade com o pecado é impossível aos olhos de Deus. Não existe possibilidade de uma comunhão entre eles. Não existe mancha ou indícios de mácula no caráter santo de Deus. Ele mesmo proíbe qualquer forma e prática de pecado. “Portanto, santificai-vos e sede santos, pois eu sou o Senhor, vosso Deus”⁹⁵ (Levítico 20:7). Por isso, a real compreensão do pecado original, torna a doutrina da santificação de Deus imprescindível na vida do crente pecador.

A clara descaracterização da doutrina do pecado na teologia e nas pregações trouxe grande confusão e modificações consideráveis às doutrinas que se relacionam com ela. Por isso, é extremamente importante conhecer a origem, natureza, transmissão e os resultados do pecado original e as doutrinas que derivam dela. Pois a compreensão do pecado faz o homem conhecedor, também, das virtudes e dos benefícios para uma nova vida em Cristo.

4.3 A MALIGNIDADE DO PECADO

A doutrina do pecado ainda cria receios a muitos teólogos e a muitos seguimentos da sociedade (pós) moderna, que preferem, na verdade, o evangelho da facilidade e da auto-estima. E por isso, ouve-se cada vez menos sobre a estarrecedora realidade da humanidade em pecado diante de Deus.

O mundo precisa encarar o pecado como ele realmente é, sem máscaras, sem disfarces e sem truques. A sociedade contemporânea precisa abrir seus olhos para o grande lamaçal que está em volta de si. O homem precisa olhar para cima e ver que as colunas e as estruturas desta grande casa chamada presente século, está prestes a cair.

O pecado de Adão devastou toda a humanidade consigo, conduziu todos a um abismo profundo. O pecado trouxe marcas e consequências irreparáveis ao débil homem sem

⁹⁴ HOEKEMA, Op. Cit., 2002, p. 188-189

⁹⁵ Cf. Levítico 20:7

Deus. Jonh MacArthur Jr, em seu livro *Sociedade sem pecado*, mostra que o pecado baixou o homem ao estado mais humilhante diante de Deus.

O pecado domina o coração humano, e se fosse pela sua vontade, condenaria cada alma. Se não compreendermos nossa própria perversidade ou não enxergarmos nosso pecado como Deus o vê, não poderemos entendê-lo ou fazer uso do remédio contra ele. Aqueles que tentam justificá-lo, negligenciam a justificação de Deus. Até compreendermos quão totalmente repugnante nosso pecado é, nunca poderemos conhecer a Deus.

O pecado suja a alma. Ele rebaixa a dignidade da pessoa. Obscurece o entendimento. Torna-nos piores que animais, pois os animais não podem pecar. Polui, corrompe, suja. Todo pecado é vulgar, repulsivo e revoltante aos olhos de Deus. A Bíblia o chama de imundícia (Pv 30.12; Ez 24.13; Tg 1.21). O pecado é comparado ao vômito, e os pecadores são os cães que voltam ao seu próprio vômito (Pv 26.11; 2 Pe 2.22). O pecado é chamado de lamaçal, e os pecadores são os porcos que rolam nele (Sl 69.2; 2 Pe 2.22). O pecado é semelhante ao cadáver em putrefação, e os pecadores são os túmulos que contêm o mal cheiro e a sujeira (Mt 23.27). O pecado transformou a humanidade em uma raça poluída e imunda.⁹⁶

A sociedade não pode ver o pecado (original) como uma fera ou um animal que pode facilmente ser domado quando bem entender. O mal moral é insano e inconsequente, alastrou-se como um incêndio em uma floresta. O pecado, aos olhos de Deus, foi a atitude mais hostil, repugnante que o homem poderia realizar e praticar. Além de ofender, o pecado afrontou o próprio criador, porque representa insubmissão e desobediência da criatura ao Senhor e criador de todas as coisas.

O problema do pecado original é que o pecado é um grande problema quando desconsiderado e desqualificado. É um grande problema que precisa ser entendido e encarado, pois mostra a realidade humana em rebelião em relação ao Deus santo. O pecado contaminou toda a humanidade, tirou a capacidade de fazer o bem espiritual. O pecado não é uma pequena enfermidade, ele depravou o homem, trazendo culpa e uma consciência má.

Falar de pecado, infelizmente é continuar “clamando no deserto”, é assunto que causa incômodo e, para muitos, pode “diminuir” a auto-estima. Neste século poucos têm interesse em ouvir e reconhecer o verdadeiro escândalo do pecado. John MacArthur entende que a insensibilidade e indiferença da humanidade sobre este assunto pode trazer consequências incalculáveis para esta geração.

⁹⁶ MacARTHUR Jr, John. **Sociedade sem pecado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 101.

Afaste a realidade do pecado e você eliminará a possibilidade de arrependimento. Anule a doutrina da corrupção humana e você invalidará o plano da salvação. Apague a noção da culpa pessoal e você eliminará a necessidade de um salvador. Destrua a consciência humana, e você levantará uma geração imoral e irredimível. A igreja não pode dar as mãos ao mundo nesse empreendimento satânico. Agir assim é destruir o verdadeiro evangelho que fomos chamados a proclamar.⁹⁷

Santo Agostinho sabia muito bem a realidade e a malignidade do pecado no homem. Em *A cidade de Deus*, escrito no século IV, ele já afirmava com propriedade o que representa, de fato, o pecado original.

O pecado [de nossos primeiros pais] foi um desprezo à autoridade de Deus. Deus criou o homem; ele o fez à sua própria imagem; ele o estabeleceu acima dos outros animais; ele o colocou no Paraíso; o enriqueceu com todo o tipo de abundância e segurança; não lhe impôs nem muitos, nem grandes nem difíceis mandamentos, mas, a fim de tornar uma obediência sadia fácil para ele, lhe deu um único pequeno e leve preceito pelo qual lembraria à criatura, cujo serviço deveria ser livre, de que ele era Senhor. Consequentemente, foi justa a condenação que se seguiu e uma condenação tal que o homem, que através da manutenção dos mandamentos deveria ter sido espiritual até mesmo em sua carne, se tornou carnal até mesmo em seu espírito. E assim como em seu orgulho, ele buscou ter sua própria satisfação, Deus, em sua justiça, o abandonou em si mesmo, não para viver na independência absoluta que ansiava mas, no lugar da liberdade que desejava, para viver insatisfeito consigo mesmo em uma sujeição dura e miserável a quem, através do pecado, havia se submetido. Ele foi condenado, a despeito de si mesmo, a morrer em corpo assim como havia se tornado, por vontade própria, morto em espírito, condenado até mesmo à morte eterna (não tivesse a graça de Deus o libertado) porque havia renunciado à vida eterna. Qualquer um que pense que este castigo foi excessivo ou injusto, mostra a sua inabilidade para medir a grande iniquidade de pecar onde o pecado podia tão facilmente ser evitado.⁹⁸

Desta forma, a doutrina do pecado original na contemporaneidade deformou-se criando um estilo próprio em face ao novo evangelho dos dias atuais. Não há lugar para um evangelho que apresenta um homem imerso em trevas e destituído da glória de Deus pelo pecado⁹⁹. E sim, para uma teologia de um *evangelho barato* (Grifo meu) ou de teologia bíblica desacreditada.

No entanto, a doutrina bíblica do pecado original continua viva porque as linhas diretivas das Sagradas Escrituras denunciam a depravação moral e total do homem pecador. Bem como apresenta a realidade humana em pecado, culpada e separada de Deus pelo pecado adâmico. Pecador que é culpado e está sujeito a ira de Deus e exposto a miséria espiritual e a morte eterna¹⁰⁰.

⁹⁷ Ibid, p. 9.

⁹⁸ AGOSTINHO. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1990. Vol. 2, p. 323.

⁹⁹ Cf. Romanos 3.23

¹⁰⁰ *Confissão de fé de Westminster*. Op. Cit., Capítulo VI, Seções 6.

5. CONCLUSÃO

Percebe-se que ao longo da história foram formulados diversos conceitos e argumentações teológicas e até filosóficas para explicar a questão do pecado. Tais formulações contribuíram positivamente e também negativamente para uma real noção do pecado. Mas a questão em torno do pecado original trouxe mais discórdia ainda, visto que os reformadores deram o parecer confirmando a realidade do pecado original nas confissões de fé reformadas. Atualmente preocupa-se em analisar a mensagem e o pensamento contemporâneo à luz da doutrina reformada do pecado original.

Verifica-se, portanto, que a história serviu de objeto de análise, pois, dá uma série de variedades a todos os teólogos e pensadores interessados no caso. Mas somente a reforma retoma a doutrina bíblica do pecado original, trazendo o homem ao ensinamento da palavra de Deus.

Pode-se afirmar, com toda convicção, que a reforma do século XVI cumpriu o seu papel em todos os sentidos, principalmente, neste caso, na defesa da doutrina bíblica do pecado original, porque desenvolveu argumentos claros, baseados nas Escrituras, e fundamentais para a concepção do pecado original. Estes argumentos demonstram, de fato, que o pecado de Adão foi imputado a toda raça humana, e que o homem sofre consequências desastrosas e levando até a morte espiritual e quem sabe morte eterna.

Adão foi criado à imagem e semelhança de Deus, porém, depois que essa imagem foi deturpada pelo pecado em desobediência à Deus, gerou uma posteridade a ele (Adão) semelhante. Desde então todos os homens nascem trazendo a imagem desfigurada do pai Adão, igualando-se a ele não apenas quanto ao caráter depravado, mas também quanto à condição.

Adão, não, apenas, depravou-se parcialmente. Adão não é apenas exemplo ou modelo de natureza pecaminosa; não se tornou pecador solidário ou a humanidade

solidarizou-se com ele (adão). Adão não deformou a natureza humana, deixando intacto o livre-arbítrio. Com certeza, nada disso representa o pecado original. Adão, pela desobediência, não trouxe somente senso de pecado, mas culpa e todas as consequências que conduzem a perdição eterna.

Esta pesquisa preocupou-se em mostrar a mesma idéia e visão que o apóstolo Paulo concebia do pecado, “...assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”¹⁰¹. Paulo mostra que a origem do pecado humano é o pecado de Adão, e que sua consequência é a morte ¹⁰². O pecado no Éden trouxe julgamento e condenação a toda humanidade até agora.

Neste mesmo sentido, a graça de Deus se tornou salvadora a todos os homens. O segundo Adão veio ao mundo e concedeu vida, em contraste com a morte em que todos se encontravam. Assim, a obediência de Cristo trouxe justificação¹⁰³, tornando o homem pecador justo pelos méritos de Jesus na cruz.

A doutrina do pecado original destaca que todas as gerações, inclusive esta sociedade, vivem em corrupção. Porém, esta geração ignora o pecado para não permitir que vejam sua vergonha e maldade. O evangelho, no entanto, apresenta o homem morto destituído e separado de Deus¹⁰⁴.

¹⁰¹ Cf. Romanos 5.12

¹⁰² Cf. Romanos 3.23

¹⁰³ Cf. Romanos 5.19

¹⁰⁴ Cf. Isaías 59.2

6. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A cidade de Deus: contra os pagãos**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1990. 2 vls.

_____. **Confissões**. Lisboa: IN CM, 2001. 4 vls.

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrologia: Vida, obras e doutrinas dos padres da igreja**. São Paulo: Paulinas, 1972.

ANGLADA, Paulo. **Antropologia bíblica: Doutrina reformada a respeito do homem**. Belém, PA, 1997. [material não publicado]

_____. **Calvinismo: As antigas doutrinas da graça**. São Paulo. Os Puritanos. 2000.

BERKHOF, Louis. **História das doutrinas cristãs**. tr. João Marques Bentes. São Paulo: PES, 1992.

_____. **Teologia sistemática**. Tr. Odayr Olivetti. Campinas: LPC; 1990.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 4ed. Tr. Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

BULTMANN, Rudolf. **Demitologização**. Tr. Walter Altmann e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CALVINO, João. **As institutas de tratado da religião cristã**. Tr. Walter Carvalho Luz. São Paulo: CEP, 1985. 4 vls.

Catecismo maior. São Paulo: Cultura Cristã, 1994.

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Candeia, 1991.

Confissão de fé de Westminster. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

DAGG, John L. **Manual de teologia**. São Paulo: Fiel, 1998.

DE PAULA, Marcio Gimenes. **Adão e a temática do pecado original segundo Kierkegaard**. Disponível em: <http://www.sorenkierkegaard.com.ar/index2.php?clave=trabajo&idtrabajo=43&clavebot=jornadask>. Acesso em: 24 abr. 2010.

FINNEY, Charles. **Teologia sistemática**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

HANGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Tr. Mário Rehfeldt. Porto Alegre, RS: CPC, 1973.

HANKO, Ronald. **Doctrine according to Godliness**. Reformed free publishing association. Tr Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: <http://www.monergismo.com>. Acesso em: 09 maio 2010.

HODGE, Alexander A. **Confissão de fé de Westminster comentada**. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. Tr. Walter Martins. São Paulo: Hagnus, 2001.

HOEKEMA, Anthony. **Criados a imagem de Deus**. tr. Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

_____. **Salvos pela graça**. tr. Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

JEPSON, J. W. **Finney: Tudo se resume no amor**. Belo Horizonte: Betânia, 1984.

KIERKEGAARD, S.A. **O Conceito de Angústia**. Tr. Torrieri Guimarães. São Paulo, Hemus, 1968.

KNOX, John. **A integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1964

LIMA, Leandro Antônio de. **Razão da esperança**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MacARTHUR Jr, John. **Sociedade sem pecado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MARRA, Claudio (Ed). **Cânones de Dort: Os cinco artigos de fé sobre o arminianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 1995.

PACKER, J. I. **Teologia concisa**. Tr. Rubens Castilho. Campinas: LPC, 1998.

RYRIE, Charles C. **Teologia básica: Ao alcance de todos**. Tr. Jarbas Aragão. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SHEDD, Russel. **A solidariedade da raça: O homem em Adão e em Cristo**. São Paulo: Vida, 1995.

SPENCER, Duane Edward. **TULIP: Os cinco pontos do calvinismo à luz das escrituras**. 2. ed. Tr. Sabatini Lalli. São Paulo: Parakletos, 2000.

SPROUL, R. C. (Ed.). **Bíblia de Estudo de Genebra**. Tr. Antônio Carlos Barro et. all. São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____. **Boa Pergunta**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

_____. **Sola Gratia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

SPURGEON, Charles. **Sermões do ano do avivamento**. São Paulo: PES, 1994.

STEELE, David S; THOMAS, Curtis C. **A Imputação do Pecado e a Justiça Atribuída a Cristo e ao Crente.** Jornal Os Puritanos, Ano IV, Nº 6, 1996. Disponível em: <http://www.monergismo.com>. Acesso em: 05 jun. 2010.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão.** 2ed. Tr. Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 2000.

_____. **Teologia Sistemática.** Tr. Getúlio Bertelli e Geraldo Kôndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZENGO, Zakeu A. **Liberalismo teológico: Introdução aos problemas teológico-filosófico fundamentais da racionalidade moderna.** Filósofos precursores da Teologia Liberal. Disponível em: http://www.zzenzo.hpg.ig.com.br/liberal_teo.html. Acesso em: 15 abr. 2010.